

Eagus

Meu nome é Eagus. Vou contar a história de um de meus trabalhos como detetive. Moro em uma chácara bem distante da cidade e de tudo. Não tenho vizinho e moro com minha esposa Elizabeth. Somos casados há uns dez anos, e ela cuida de mim, pois não tenho medo de revelar que tenho esquizofrenia. Na verdade, até me gabo, pois eu, doente, sou incrivelmente capaz de desvendar os mais difíceis dos mistérios. Era um dia de sol, quando eu e minha esposa resolvemos fazer uma caminhada ao redor do campo. Quando nos demos conta, já era de noite e tivemos que retornar, pois as matas são cheias de animais selvagens. Nós nos deitamos, e rapidamente peguei no sono. Até que, repentinamente, durante a madrugada, ouvi barulhos meticulosamente elaborados, daqueles que uma pessoa faz quando fica na ponta do pé e anda devagar para o outro não ouvir. Depois, ouvi outro barulho, era de água caindo da torneira na pia, e o que me pareceu era que estava vindo da cozinha. Pensei "Como que alguém invadiria um lugar tão distante, se eu for até lá, com certeza esse ladrãozinho me pegará desprevenido". Começou aqui meu trabalho como detetive. Fui até a cozinha em passos inaudíveis até para aqueles que possuem os ouvidos mais aguçados. Não encontrei ninguém. Isso mesmo NINGUÉM. Ouvi uma porta batendo, e era no meu quarto. ELIZABETH, ela estava lá. Fui correndo até o cômodo, e encontrei-a deitada serenamente dormindo. Fui em todos os lugares da casa, até no lado de fora da casa, e não encontrei ninguém. Voltei a minha cama, mas não preguei o olho, amanheci com os olhos estalados. Fui dar a caminhada matinal que sempre faço pelo campo e quando retornei ouvi barulho entre os animais. Imaginei ser um ladrãozinho de quinta que queria roubar minhas galinhas. Fui correndo até lá, mas pensando melhor, antes decidi pegar uma faca. Pessoa prevenida vale por duas, não é? Quando cheguei lá, não tinha ninguém. Conte as galinhas, tinha 26. Nenhuma foi roubada, ovos todos em seus devidos lugares. O barulho que eu tinha ouvido era muito alto, foi de metais caindo no chão. Eu não estava louco. Fui andando em direção a casa, e até que vi enormes pegadas no chão. Grandes mesmo. Como se fossem de alguém correndo. O ladrão que tentou roubar minhas galinhas estava fugindo, então comecei a correr atrás. Andei, andei e não encontrei nada. Nem se quer um papel de bala jogado ao chão. Voltei decepcionado para casa, afinal, nem conseguir correr atrás de um ladrãozinho eu conseguia. Cheguei para o almoço e minha mulher já foi logo perguntando o porquê da minha cara. Falei que meu trabalho de detetive estava sendo meio fracassado. E então ela perguntou se eu estava louco, que mesmo depois de tantas pistas era incapaz de deduzir o óbvio: tinha alguém tentando roubar a nossa casa. Eu que pensava ser o que era doente. Fui paciente, afinal, as vezes somos distraídos, claro que isso não se refere a mim, porém ela com sua capacidade racional normal seria incapaz de ver tudo aquilo que vi. Expliquei ponto a ponto todas as pistas que o suposto ladrão deixou. De repente, ela começou a dar gargalhadas, daquelas em que quase se falta o ar. Pedi para que me explicasse, e então ela me disse que os barulhos que ouvi durante a noite estalando na nossa pequena casa de madeira, era ela indo tomar água na madrugada. A confusão entre os bichos era porque ela tinha derrubado o pote de alimento dos animais. E, pior, disse que os rastros enormes no chão eram do cavalo que tinha fugido e, quando foi correr atrás dele, ela pisou nas pegadas e por isso pareceram ser de humanos. Eu não acreditei. A resposta estava bem embaixo do meu nariz. O ladrão estava claro. Como eu não previ? Minha esposa. Uma força do além tomou meu corpo naquela hora, eu não tava dentro de mim, pois, afinal das contas, o ladrão era a pessoa em que eu mais confiava, minha mulher. Cautelosamente, ao vê-la distraída, fui até a cozinha e peguei uma faca, eu não admitiria ladrão dentro de minha própria casa. E no instante que ela estava olhando um retrato na parede, de costas, eu peguei a faca e lentamente a finquei no lado direito do pescoço dela. Sim, lentamente pois queria que fosse dolorida, pois se ela me fez perder meu tempo com aquelas pistas idiotas, ela não se importaria de ter uma morte lenta. Ela caiu no chão, e aos poucos foi dando seus últimos suspiros de vida. Quando finalmente morreu, peguei o corpo dela e enterrei no meu quintal para lembrar a mim mesmo a minha capacidade de descobrir ladrões, mesmo sendo de dentro do meu lar. Os anos se passaram, e hoje ouço algumas vozes por aqui, será que são da Elizabeth me chamando?

Autora: Andressa Jenyfer Nunes Gomes

Hanz

Imagine uma daquelas cidades pequenas do subúrbio. Mas não as que os filmes e livros retratam em que há pinheiros altos, ruas limpas e cheias de harmonia, pessoas conhecidas e simpáticas para onde quer que você vá, casas coloridas e bom atendimento público.

Ectarium não é assim. Em vez de pinheiros altos, as árvores são baixas e de pouca beleza. As ruas são sim limpas, mas as casas não são coloridas, não te dão sensação de conforto e alegria. Talvez, você reconheça algum rosto nos lugares em que andar, mas dificilmente vai passar de um contato visual. As pessoas aqui não são acostumadas a serem simpáticas umas com as outras. O atendimento público é precário, não há muitos estudos sobre doenças, produtos químicos ou coisas assim.

Também não é aquela cidade suburbana dos filmes de terror. Não há mistério ou medo. Apenas um vazio.

Ruas vazias. Com pouca história. Sem memórias e sentimentos.

Um vácuo.

Nessa cidade de ruídos e vãos, Melly Hanz, senhora de idade, de uma herança rica e poderosa, me contratou para trabalhar em sua bela, grande, lendária e imensa mansão afastada da parte mais popular de Ectarium. Contudo, ela não morava sozinha, tinha em seus cuidados Daniel Hanz, seu neto.

Uma família rica, de classe, elegante e pequena.

Uma família rica, de classe, elegante, pequena e incomum.

A cada dia observava acontecimentos de graus inexplicáveis. Os quais, mesmo com tratamentos, com fortes remédios, vão me atormentar por muito tempo.

Graças a Dan. O garoto insolente e sem limites.

Eis que vou relatar quatro dos casos mais horripilantes que aconteceram durante os 12 anos que estive na casa Hanz.

O primeiro caso, Daniel tinha 11 anos, quando cheguei na casa. O menino sempre se mostrou solitário, não feliz, apenas nunca tinha visto algum amigo com quem ele andasse. Estava na varanda da casa, limpando a vidraça, quando vejo Dan sentado em sua balanço no grande e verde jardim. Até que reparo que ele segurava algo em seus braços.

De passagem, acreditei que em suas mãos tinha um de seus ursos e bonecos.

O som do silêncio é interrompido com o grito do menino. Ele berra como se irritado com o objeto, joga algo que está embrulhado em um lençol e sai batendo os pés para dentro de casa.

— Eu estou morrendo de tédio – ele grita em meio às suas lágrimas e sua feição de fúria.

Desistindo de tentar entender o comportamento do garoto, fui até o lençol para alcançá-lo.

Quem me dera fosse um boneco. Quem me dera fosse qualquer tipo de brinquedo. O que estava enrolado no lençol era uma criança. Um bebê morto.

O segundo caso, Daniel tinha 17 anos. Ele grita para mim de sua sala de brinquedos. Uma sala grande, aberta com brinquedos enigmáticos e de tamanho grande. Mesmo crescendo e caminhando para sua fase adulta, ele sempre tinha uma certa mente infantil, nada muito impressionante dado ao tratamento que Melly dava para o menino. Clama por toalhas brancas e secas.

Quando cheguei em sua sala, ele estava de frente para uma banheira com águas vermelhas pronto a deitar-se nelas. Olho para o lado e vejo corpos limpos de pessoas comuns. Eu jogo as toalhas e corro para a cozinha tentar me acalmar do meu desespero.

O terceiro caso, Daniel tinha 20 anos. Estava na cozinha em uma dia chuvoso e escuro, quando olho para a janela vejo Dan vestido com uma fantasia de palhaço brincando com pequenos bloquinhos de madeira. Ele alcança mãos e orelhas humanas e usa para construir suas casinhas. Sua avó chega por trás de mim com uma xícara de chá na mão.

— A senhora precisa fazer algo. Isso está passando dos limites —, digo para Sra. Hanz com a voz trêmula. — A cidade toda procura esses corpos que somem. Ele precisa de tratamento.

— Por agora chega —, ela diz com o tom de voz acentuado e sai da cozinha.

Eu sabia que ela estava magoada. Eu sabia que ela não gostava disso. Eu poderia fugir, eu poderia tentar fazer algo, mas me tornei refém daquele espetáculo de horrores diários.

Ele sempre olhou para mim com aqueles olhos grandes e azuis. Olhos assassinos e insanos. Como se soubesse que eu observava tudo e me ameaçasse se eu apenas abrisse a boca. Apenas com o olhar.

O medo sim tomava conta de mim, minha mente já gritava por socorro.

Até que chegamos ao quarto caso, o caso que acaba de acontecer. O caso que coloca ponto final em toda a situação.

Daniel e Melly estavam na mesa de jantar. Eu cheguei com a bandeja em que estava sua refeição. Coloquei os pratos na frente de cada um. E assim que sra. Hanz tirou a tampa de metal de seu prato, tinha uma cabeça de uma criança de aparentemente 5 anos. Assim como Melly, também dei um grito ardido e estridente com aquela cena horrorosa. Dan começou a dar gargalhadas.

— Eu sabia que ia pegar vocês —, ele dizia em meio a risadas.

Melly bateu a mão da mesa.

— Onde você pegou essa cabeça? —, ela disse com fúria.

— Está braba, vovozinha? —, ele dizia com aquela voz infantil.

— Onde você pegou essa cabeça? —, gritou.

Dan gritou ainda mais puxando a toalha da mesa e jogando tudo inclusive a cabeça no chão.

Sem perceber eu já chorava e soluçava de desespero.

Melly com os olhos ferventes de raiva mas também de tristeza, foi até o telefone e ligou para o Sanatório Ghart. Ele gritava sem parar, alcançou a faca da mesa e começou a tentar se cortar.

As situações aconteceram tão rápido e tão sem sentido que nem tive ao menos tempo de compreender.

Ele olhou para mim com aqueles olhos, a faca cheia de sangue de seus pulsos e veio até mim. Melly começou a gritar tentando tirá-lo de perto de mim, mas não conseguiu impedir que Dan passasse a faca sobre minha bochecha.

Logo os paramédicos chegaram levando-o em berros embora.

Naquele mesmo dia fui embora, finalmente me livrando do que me prendia lá. O medo de Dan.

Soube que sra. Hanz acabou não aguentando sua própria amargura e adoeceu, levando-a ao falecimento.

Algumas semanas depois, mesmo sabendo que não seria fácil vê-lo, minha curiosidade estava acima de tudo. Assim que entrei no prédio precário, quebradiço do sanatório, uma enfermeira de aparência rude e grosseira me levou até o quarto onde Dan estava deitado. Ele não estava no pátio com os outros pacientes, no hospital ele acabou pegando tuberculose e estava separado em um quarto sujo.

Não tive coragem de abrir a porta e ter que olhar para ele diretamente. Apenas de longe não foi tão difícil me sentir amedrontada por seus olhos de loucura e bizarrice prestando atenção fixamente em um cubo mágico que tentava resolver. Sua aparência não era mais a mesma. Seus dedos estavam magros, sua pele pálida, o cabelo preso e brilhoso já era fosco. Em poucos segundos Dan solta o cubo mágico. Olhou para o vidro da porta de onde eu o observava. Ele sabia que eu estava ali, sorriu e seus olhos já não piscavam mais.

Ele tinha ido. Ido para se encontrar com todos de quem ele já tinha tirado a vida. Mas deixando aqui a minha incapacidade de viver normalmente.

Autora: Annelise Mariano

Melanie e Vitor

Em uma velha e sombria casa moravam Melanie e Vitor, dois irmãos órfãos que, apesar de serem gêmeos, eram muito diferentes. Melanie era alegre e sorridente, sempre feliz e de bem com a vida, apesar de ter uma doença terrível chamada esquizofrenia. Todos a amavam e a protegiam com muito cuidado, já Vitor era o contrário, era frio, quieto e alguns até o achavam um pouco perverso, todos o toleravam apenas por causa de sua irmã, que era muito querida. Ah se eles apenas soubessem, na verdade Vitor e Melanie são órfãos pois seus pais foram assassinados, todos acham que por um ladrão comum, mas na verdade foi Vitor que os matou. Pois ele sempre teve rancor de sua irmã por ser a mais querida e amada, então ele decidiu que iria livrar-se dela de uma vez por todas.

Em uma noite ele vai ao quarto pela janela com uma pistola para parecer que foi um tiro perdido, mas quando ele estava prestes a atirar seus pais entram surpreendendo-o e ele acaba atirando nos dois bem no peito, pois um estava atrás do outro, e acaba matando-os e quando Melanie ouve o disparo ela acorda mas Vitor a acerta com uma coronhada e ela desmaia. Depois ele bagunça o quarto e faz parecer que foi um ladrão que tentou assaltá-los, em seguida ele ligou para a polícia fingindo estar assustado e a polícia chega bem rápido e vê toda a cena do crime e leva Melanie, que ainda estava inconsciente pela coronhada, para o hospital. Ao ela despertar já vai percebendo que não está em sua casa e pergunta o que aconteceu a um policial que lhe explica a situação. Ela fica extremamente triste e ela vai ver seu irmão e vê que ele está bem então fica um pouco feliz. Eles já haviam voltado para casa mesmo órfãos e começaram a morar na casa apenas os dois. Melanie ainda estava se recuperando da pancada e por isso ela estava tendo várias alucinações por causa da esquizofrenia, incluindo alucinações de seus pais, e Vitor está se aproveitando disso e a fazendo ficar cada vez mais louca e doente. Nessa época ela começa a ir fazer caminhadas à noite e quando lhe perguntavam por que ela saía à noite sozinha ela negava e dizia que estava passeando com os pais, até que um dia quando já era tarde da noite, Melanie saiu para andar com mais um de seus pais produzidos pela esquizofrenia, com seu irmão em seu encalço, ela foi observar o mar e seu irmão foi se aproximando lentamente dela enquanto ele jogava uma pedra no mar para fazer um barulho e chamar a atenção de Melanie, o que deu certo, ao ela olhar ele começou a fazer a imitação da voz do pai deles falando a ela para ir para o mar para se reunir com eles e ela foi correndo até o mar para se reunir com os pais.

Enquanto isso seu irmão Vitor pega um pedaço de madeira, provavelmente um tronco apodrecido, e acerta Melanie na nuca impiedosamente e ela cai inconsciente na água e Vitor vai empurrando-a para o fundo do mar até que ela afunda totalmente e finalmente, depois de tanto tempo tentando, Vitor a mata.

Autora: Bianca Feitosa Heibel

Noite macabra

Em 31 de outubro de 2007, os alunos do 1º B combinaram de se encontrar na chácara de Paulo, professor de educação física, às 21 horas para fazerem uma festa temática, o Halloween. Era uma casa antiga, mas enorme, no lado de fora tinha churrasqueira e piscina. Todos apareceram lá fantasiados e muito empolgados. Era um local muito reservado e afastado de tudo, havia enfeites por todo lado: abóboras iluminadas, máscaras penduradas, morcegos, foices, entre outros. Colocaram música alta e começaram a dançar. À meia-noite, o professor chamou todos para começarem o churrasco. Foram servidos vários tipos de carne, linguiça, saladas, refrigerantes, sucos, menos bebida alcoólica, pois todos os alunos eram menores de idade.

De repente, Paulo viu de relance um vulto passar, porém, pensou que era um de seus alunos correndo, mas não era. O vulto, na verdade era uma ex-aluna daquele mesmo colégio, que sofria muito enquanto estava viva, havia sido atropelada há um ano indo para o colégio, numa manhã nebulosa.

A garota começou a acenar para ele, rindo, sentada no tronco da árvore do quintal, ele retribuiu, pois pensou que era participante da festa. Após um tempo, apareceu novamente, acenando, porém desta vez na ponta do banco, enquanto eles estavam comendo, todos viam os talheres mexerem e achavam que era uma atração da festa, contudo, somente o professor podia vê-la. Ao perceber que a menina se distanciava do local, pediu à inspetora responsável pelos alunos que verificasse aonde ela ia, tinha desaparecido igual fumaça, quando a inspetora Lúcia deu as costas para voltar, viu-a de longe e logo sumiu no ar.

Saiu correndo gritando desesperadamente, percebeu que o rosto era conhecido, mas não recordava de onde.

Comentou com o professor e com alguns alunos e perguntou se algum deles estava enxergando uma moça de cabelos pretos, olhos castanhos, grandes e vestido branco, por que achava que estava enlouquecendo.

O professor afirmou que havia visto perfeitamente a imagem de uma menina que havia morrido anos atrás, Andriely. Lúcia ficou aterrorizada, pois prejudicou-a muito enquanto exercia sua profissão.

Após um tempo, todos ficaram intrigados com os barulhos que assolavam a casa e começaram a sentir o terror real do Halloween, janelas e portas batendo, as luzes piscando e o volume da música alternando entre alto e baixo. De repente, o clima começou a ficar gelado e ouviram uma voz dizendo “este lugar não lhes pertence”. Ao olhar para cima, notaram a imagem desta menina suspensa no ar, todos ficaram pasmos, correram desesperados para todos os lados tentando encontrar uma saída, entretanto, estavam no meio do nada. Pairava um clima de desespero em todos os que presenciaram o sobrenatural.

O professor, saiu correndo para dentro da casa, subindo as escadas, tropeçou e acabou caindo, bateu a cabeça com tanta força que ficou desacordado.

Um grupo de alunos levou-o para um quarto e lá permaneceram, quietos e apavorados, aguardando amanhecer para prestar socorro. Como prevalecia uma escuridão total naquela casa e não tinham meios de comunicação com ninguém de fora da casa, pois a energia havia caído, não havia nenhum meio de ajudá-lo.

Ao despertar, após meia hora, ele avistou a menina sentada ao pé de sua cama, observando-o. então, ele perguntou o que queria e por que estava ali amedrontando a todos. Ela respondeu que havia sofrido naquele colégio, pois muitos praticavam bullying e seus pais nunca a socorreram, por não acreditarem que isso realmente acontecia. Exclamou que voltou para se vingar de todos que um dia fizeram mal a ela, pois não conseguia ir embora e descansar em paz deixando todos seguirem suas vidas, como se nada tivesse acontecido. Paulo cerrou os olhos por alguns segundos, achando que tudo isso era por causa da pancada, ao abrir os olhos Andriely não estava mais lá.

Entretanto, o alívio não durou muito. De repente, ouviram barulho de passos no corredor e os alunos imediatamente saíram do quarto e correram para lá, para ver o que tinha acontecido.

O professor continuou deitado, pois ainda estava atordoado, enquanto ela esperava silenciosamente a hora certa para a represália.

Os barulhos de passo começaram a ficar mais perto da suíte, Paulo levantou e andou até a porta. Ao virar-se, Andriely estava lá, seu semblante era de tanto ódio, que apenas com um olhar levantou o professor e o atirou contra a banheira, ele implorou seu perdão, mas a garota tinha sede de vingança e não o absolveu.

Quando os alunos voltaram à (suíte, para verificar seu estado, encontraram-no com uma faca fincada ao peito, com a garganta cortada e no espelho do banheiro, uma mensagem escrita com sangue: "Vocês serão os próximos".

Autora: Bruna Cavichiollo

A Lenda

Em um dia qualquer, eu e meus amigos Paulo e Pedro estávamos conversando no intervalo, logo após do futebol, sobre o porquê de o banheiro masculino estar interditado, até que Gabriela chegou correndo apavorada e perguntou se a gente sabia sobre a lenda do banheiro, então respondi que não e perguntei sobre a lenda; ela nos contou que alguns meninos da sua sala viram coisas estranhas lá e lhe contaram que um menino havia morrido; eu fiquei assustado e curioso, já Paulo duvidou e não se contentou com essas informações; então disse para nós investigarmos. Pedro foi o primeiro a concordar; pois queria se "mostrar", a Gabriela também concordou, eu fiquei pensando e disse que iria investigar, não ia tomar atitudes.

Pensamos por onde começar; então tive a brilhante ideia de falar com o vigia, para perguntar se ele já viu algo. Fomos até ele e perguntamos; ele respondeu que talvez, pois um dia viu pelas câmeras um chapéu na pia do banheiro, então foi até lá buscar, quando chegou, não tinha nada, ele pensou que o dono tinha aparecido e pegado seu pertence; voltou para sala de monitoramento, olhou nas câmeras e o chapéu havia voado em direção ao mictório; mas como não havia câmeras nos mictórios, não deu para ver, então foi até lá pegar o chapéu, mas quando chegou não tinha nada! Também disse que não tinha ninguém no banheiro. Perguntamos o que aconteceu exatamente para o banheiro estar interditado. Ele disse que não sabia, a única pessoa que sabia sobre isso era a diretora, então agradecemos e nos despedimos.

Fomos correndo interrogá-la, mas no caminho, exatamente ao lado do banheiro, Gabriela deu um grito e apavoradamente disse que viu um homem com um sobretudo, todos nós se assustamos e corremos. Quando chegamos na diretoria perguntamos para a diretora se ela conhecia a fundadora da escola, então nos respondeu que ela fundou a escola, perguntamos o que ocorria no banheiro e se era verdade que um menino havia morrido. Ela disse que não sabia ao certo o que ocorria, mas ocorriam coisas estranhas e confirmou que um menino havia morrido. De acordo com ela, ele escorregou e bateu a cabeça no mictório. Devido aos fatos ocorridos ela decidiu interditar o banheiro; observou a nossa curiosidade e decidiu nos contar mais; contou que comprou metade do terreno de um homem jovem e a outra metade ele ficou para si; Então Gabriela perguntou se o homem morava ainda morava ali, ela respondeu que sim. Pedimos permissão para ir falar com o homem, mas ela não deixou e ordenou para a gente retornar à sala, voltamos.

Quando bateu o sinal, fomos direto para a casa do homem, era um sítio, com animais e com uma casa simples, de madeira. Batemos palmas, e um senhor muito humilde nos atendeu, pedimos para conversar, então ele abriu o portão e disse para a gente entrar. Entramos, por dentro a casa também era simples, tinha poucos móveis e tinha muitos quadros e retratos. Sentamos no sofá, ele perguntou o que a gente foi fazer lá, respondemos com uma outra pergunta: disse que nós fomos lá para perguntar se aconteceu algo de assustador quando ele era menor, ele respondeu que não; ficamos intrigados.

A esta altura todos nós havíamos perdido as esperanças, até que Gabriela exclamou que era o homem do sobretudo no retrato, e no retrato ele também estava com sobretudo, mas estava com um chapéu. Logo liguei os acontecimentos, o que o vigia nos contou e o que a Gabriela viu. Imediatamente perguntei quem era aquele homem, o senhor respondeu que era seu pai, e disse que naquele retrato ele estava com sua roupa preferida. Perguntei sobre a história do homem; então o senhor nos contou que seu pai era um homem muito nervoso e seu nervosismo aumentou quando ficou cego de um olho; ficou assim devido a um menino que chutou uma bola de futebol na janela e um pedaço de vidro foi diretamente em seu olho. Desde então jurou vingança, mas não para aquele menino e sim para todos que jogavam futebol. Ao longo do tempo alguns meninos foram sumindo... Foi quando o senhor começou a chorar, então Pedro lhe deu um papel e disse para nos contar onde e como seu pai morreu; então o senhor disse que seu pai morreu de congestão na banheira, pois ele almoçou e foi tomar banho, também disse que a diretora disse que ia só tirar a banheira e colocar mictórios no lugar. Ficamos apavorados, agradecemos ao homem e saímos.

No outro dia perguntamos para diretora se quando ela comprou o lote tinha uma banheira no banheiro masculino, ela respondeu que sim, mas ela tirou e construiu um mictório; assim desvendamos o caso.

Paulo e Pedro entretanto ficaram intrigados sobre a lenda do homem do banheiro da escola no intervalo da aula e me convidaram para ir até o banheiro investigar. Eu fiquei assustado, pensei muito antes de responder e resolvi dizer não, não queria me arriscar depois das histórias que ouvi! Duvidei de Pedro, mas de Paulo não, pois eu sabia sobre sua coragem!

Nesse caso, isso era loucura. Tentei convencê-los para não ir, usei todos os argumentos a meu favor, mas não fui feliz. O dia estava sombrio, com ventanias! mais um motivo para não ir. Mesmo assim foram. Imagino que Pedro cuidou da porta pois o banheiro estava interditado, também porque ele era medroso, Paulo provavelmente entrou para investigar o local não sei ao certo o que encontraram nem o que fizeram, mas isso provocou uma ventania, o que provavelmente fez a porta empurrar Pedro para dentro e fechar.

Como a minha sala era do lado do banheiro ouvi ela batendo enquanto lanchava, logo após comecei a ouvir gritos. Imediatamente chamei o professor para ver o que estava acontecendo! Fiz de tudo para imaginar que eram alguns meninos da creche que estavam brigando, mas sabia que eram eles; eu e o professor não conseguimos abrir a porta, tentamos arrombar mas ela não abria, de repente os gritos pararam, fiquei apavorado, não consegui pensar em nada a não ser sobre o espírito! Neste momento o vigia da escola chegou viu que a porta não abria, quebrou a janela, decidiu pular; fiquei impressionado com sua coragem pois mesmo sabendo de alguns fatos decidiu pular e abriu a porta para gente. Não enxergamos nada, assim como ele, pois a luz havia queimado, o vigia, entretanto, sempre andava com uma lanterna em seu cinto, ligou-a... vimos algo extremamente assustador, os espelhos estavam com marcas de mãos com sangue, os canos estavam quebrados, a água da privada não era mais água, era sangue, olhamos tudo mas não

achamos os corpos. Então observei que no mictório não tinha só manchas de sangue, também tinha uma mensagem escrita com sangue: "Você é o próximo!"

Autor: Diego Godoy

Impulsividade

Vou lhes contar uma história de coisas que foram tidas por muitos como atrocidades. Eu ainda moço herdei muito dinheiro de meus falecidos pais e apesar de não me dar bem com eles aceitei o dinheiro com bom grado.

Contratei um criado para cuidar de minha casa, um homem bom, honesto e acima de tudo obediente, nunca se metia em assuntos que não eram de sua conta. Comecei a desfrutar intensamente desse dinheiro, fiz coisas consideradas por muitas pessoas como deploráveis, nunca liguei para isso, quase não tinha amigos, por isso não ligava para as pessoas que me criticavam.

Em uma festas bebi muito e acordei de uma forma esquisita, cheio de sangue e com um corpo de uma mulher todo esquartejado, e o mais estranho: um cérebro com marcas de mordida, além de haver carne em meus dentes, no momento me assustei e fiquei pensando no que teria acontecido. Tratei de sumir com o corpo, pois na situação em que estava eu seria preso. Por dias fiquei pensando naquilo e como deveria ser o gosto e a consistência daquele cérebro.

Tentei me controlar mais era impossível, então montei um plano: em um primeiro momento seduziria mulheres e depois as devoraria. Sabia até o local onde poderia saciar meu desejo por carne humana, uma porta que eu descobri que levava para um porão e que meu criado não sabia da sua existência. Por dias satisfiz meu selvagem desejo por carne humana, que vinha aumentando gradativamente. Até parecia um animal sedento por carne e que não controlava os impulsos.

Pesquisei várias formas de preparar a carne, me tornei praticamente um especialista, primeiro esquartejava o corpo, retirava grande parte do sangue, dividia nas melhores partes e deixava por último a melhor, o cérebro, além disso, eu tinha um toca-disco todo velho, mas era nele que adora escutar músicas clássicas, isso trazia a leveza a meu impulso desenfreado, meu compositor preferido era Mozart.

Vidrado em meus impulsos comecei a deixar meu criado desconfiado. Ele me seguiu até a porta onde entrei com mais uma vítima, sem perceber ele entra, e quando vou começar a despedaçá-la meu criado percebeu e começa me atacar. Apesar de ele muito forte, eu trazia uma arma comigo e comecei a esfaqueá-lo, ataquei-o até seu ultimo suspiro. Por semanas não consegui controlar meus impulsos até que eles me consumiram, tentei me matar, mas fui impedido. Atualmente em meu leito de morte escrevi esse texto para tirar esse peso de ser o único, a saber de meus impulsos, mas nunca me arrependi das pessoas que devorei.

Autor: Emanuel Diogo Lima dos Santos

O barulho das ondas tinha cessado e eu não me lembrava mais de nada do que tinha acontecido, apenas um zumbido não parava de chiar em meus ouvidos, e esse barulho dizia constantemente “Prossiga, Luna”. Essas palavras me deram motivação para continuar correndo, em minha cabeça se passavam apenas cenas de extremo horror, como flashbacks do momento em que Luca estava sendo morto, apesar de tudo isso estar passando em minha cabeça em um único momento eu me sentia em um extremo prazer com o sofrimento de meu namorado que estava sendo morto. Os flashbacks se tornaram mais constantes de acordo com minha corrida incessante pela praia, já exausta e esgotada eu percebo que o motivo para eu estar correndo na praia sem parar é alguém ou algo. Nada mais fazia sentido, eu podia ouvir o som das ondas do mar de uma noite turbulenta de verão.

Em apenas segundos milhares de flashbacks passavam em minha mente e me traziam novamente a mesma sensação de prazer, misturada com um medo incessante que tomava conta do meu corpo. Quando olho para trás vejo que corro de um medo, e esse medo me fez perceber que estava coberta de sangue por todo meu corpo. Até que um lembrança me faz vir à tona e perceber o que fiz, sinto-me culpada, mas o sentimento de prazer não sai de meu coração. Queria compartilhar com alguém meus sentimentos, mas não posso desabafar sobre meus desejos, afinal vão me chamar de louca, mas não sou louca, apenas tenho desejos incomuns, como matar uma pessoa por extremo prazer. Foi o que fiz com Luca, com apenas uma tacada na cabeça ele caiu e seu sangue escorreu por seu corpo, saía de sua cabeça e caía sobre seus ombros, isso com certeza foi a melhor parte. Lembro então do medo que me perseguia, esse medo levarei comigo o resto da minha vida, ele me acusa sem parar, ele me faz correr nessa praia, me fez deixar o local onde se encontra Luca, morto.

Lembro-me novamente de que corro sem destino e sem fugir de ninguém, afinal meu medo me persegue, ele me faz correr, e lembro que não devo temer ninguém, mas sim o meu eu, afinal Luca não tinha culpa do que fiz, espero que ele me perdoe.

Autora: Gabriele Rodrigues Tineu

Eu não sou louco

Não.. Não... Eu não tinha ciúmes doentio e não era louco. NÃO!

Eu a amava, eu a amo! E quanto a ter um ciúme louco, não eu não tinha, eu apenas queria lhe proteger, seria tão mais fácil se todos acreditassem em mim.

Você sabe que eu jurei pra mim mesmo que eu pararia de te proteger tanto, mas não consegui... Naquela noite chuvosa de domingo, você queria sair de casa, queria terminar comigo, mas eu não deixei, fui obrigado a te levar até aquela casa escondida longe de tudo e de todos, sim ela era estranha, tinha um jeito de abandonada, com umas figuras estranhas nas paredes, um jardim enorme, onde já estava imaginando nossos filhos correndo por aquelas gramas e a parte da qual você mais tinha medo, o sótão. É... eu até concordo com você, ele realmente era escuro, aterrorizante, mas para aquele momento era daquilo que precisávamos.

Toda noite você me acordava com medo falando:

— Jorge, socorro, olha esse barulho, tem alguém aqui, vamos embora!

— Ana, meu amor, não é nada, pode dormir tranquila, estou aqui para lhe proteger. Dissera eu. Toda noite era a mesma coisa, você insistia em querer fugir, por que meu bem? Eu lhe cuidava tão bem.

Mas eu sempre lhe prendia, porque você me obrigava a fazer isso, e voltava a dormir.

Em uma noite foi diferente, não ouvia barulhos e nem movimentos vindo de você, uma coisa que era totalmente estranha, mas não sei o que me deu; simplesmente não achei estranho e fui dormir.

Acordei em um lugar estranho, que eu não reconhecia, tinha paredes brancas, umas pessoas estranhas ao meu lado, estava com arranhões em meu corpo, eu até ouvi falar que estava em um Hospital Psiquiátrico, realmente não sei o que é, mas até me chamaram de louco. Até veio em

minha direção uma mulher, não a conhecia, mas veio conversar comigo, eu lhe perguntei o porquê de eu estar em aquele lugar, percebi que ela não sabia como me contar, eu lhe pressionei e ela me falou que eu tinha Esquizofrenia. É, eu não sabia o que era e perguntei. Ela me contou tudo.

Mas como? Como eu tenho isso? Não sou louco não! Mas não queria mais perder tempo... eu logo perguntei de Ana. Onde Ana estava. Ela só me olhou, não falou nada e me entregou um caderno, um que se parecia muito com o meu. Eu lhe falei e Ana?! Ela olhou para baixo e falou "Ana não existe", mas como? Ela existe sim! Eu a amo! Traz ela até aqui! Aquela mulher me falou: — Não tem como lhe trazer, ela não existe!

— E tudo aquilo que escrevi neste caderno? Tudo que fiz para proteger Ana? Isso mostra que é real sim! — respondi.

A moça com cara de assustada fala: "Tudo isso você fez com um gato."

Depois de tudo não acreditei, como? Um gato? E Ana? Eu a conheço desde criança, eu cresci junto com ela. Disse eu. A moça então diz: Realmente você ganhou este gato quando era muito pequeno.

Mas vou contar o que estava escrito em meu caderno para vocês:

"Já é meia-noite, minha esposa está dormindo e já preparei tudo, coloquei uma imagem de gato ao final do sótão e deixei a faca que irei usar em meu bolso, assim com tudo preparado acordei minha amada Ana, lhe pedi para ir até o sótão comigo pois lá havia um gato, ela sem pensar muito já me acompanha pois ela amava gatos, quando chega lá ela vai correndo em direção ao gato eu sem pensar muito já que ela estava de costas já lhe ataquei, quando a matei tirei primeiro seu coração e coloquei ao lado de nossa cama, porque queria sentir sua presença quando eu fosse dormir, depois cortei os braços para que toda vez que eu quisesse lhe abraçar eu pudesse e por último tirei alguns fios de cabelos, e coloquei em baixo do meu travesseiro para que toda noite antes de dormir eu pudesse sentir aquele maravilhoso cheiro de seus cabelos longos e morenos, o resto do corpo enterrei em meu quintal."

Ana minha amada um gato? Por isso os arranhões? Por conta do momento em que eu fiz isso pra tentar proteger ela?... Eu não sou louco!

Autora: Gabriele Valerio de Oliveira

Saudade enforcada

Meu nome é Suzana, sou casada com Vicente e tenho um filho chamado Fernando. Moramos em uma mansão, que herdei de meu querido pai; esta mansão é meu xodó, confesso! É bonita e harmoniosa.

Nem eu, nem Vicente podemos ter filhos biológicos, então quando completamos 1 ano de casamento, decidimos adotar uma criança. E mesmo sabendo que esse processo de adoção é demorado, a vontade de ter um filho nos braços e poder dar a ele todo o amor e carinho falava mais alto.

Ao avaliar todas as crianças de um orfanato, optamos por adotar Fernando, um menino que aparentava ser brincalhão e dócil, ele tinha 1 ano e 3 meses de vida. Seus pais biológicos, morreram no dia 2 de novembro de 1969, ambos enforcados.

Levávamos uma vida normal e amorosa, Fernando só nos dava orgulho, porém, assim que completou sete anos, acabou descobrindo como que seus pais verdadeiros morreram. Vicente e eu não sabemos como que ele descobriu. Conforme os anos se passaram, descobrimos que Fernando estava passando por uma séria depressão. Entretanto, não podíamos fazer nada; ele não aceitava nenhuma ajuda, só ficava trancado no quarto, lendo os contos de Edgar Allen Poe. Estava se aproximando seu aniversário de 15 anos, juntamente com ele os 15 anos de falecimento de seus pais. No dia de seu aniversário, compramos um bolo e alguns salgadinhos,

mas ele nem se importou. Conforme o tempo e os dias se passavam, eu e Vicente só ficávamos mais preocupados e apreensivos com Fernando.

2 de novembro de 1984... 15 anos se passaram, foi rápido demais. Era ainda muito cedo, 2:00 da manhã deste mesmo dia, quando ouvi barulhos vindos do quarto de Fernando que soavam pelo corredor, comecei a me preocupar, acordei Vicente, mas este disse que era normal, resolvi então esperar... Passada uma hora do último barulho que ouvi, resolvi me levantar e ir até o quarto do meu filho, mas antes insisti para que Vicente fosse junto comigo, ele aceitou.

Aqui, começa toda a tensão que já vivemos. Com passos lentos, íamos até o quarto de Fernando, não se ouvia mais nada no corredor, a não ser os pingos de chuva, que só aumentavam a tensão. Já havia passado das 3 horas, a porta estava encostada, a luz apagada, mas percebemos algo balançando no teto. Resolvemos entrar, não se enxergava nada, então acendi a luz... Nesta hora, parece que tudo parou, nada mais tinha sentido para nós, tudo o que tínhamos de mais precioso foi se juntar com Deus. Fernando se enforcou, como seus pais biológicos 15 anos atrás; ele decidiu acabar com aquela dor que o atormentava todos os dias, a dor da saudade.

Em cima de sua mesinha de estudo, havia um papel dobrado, desesperada peguei, abri e li com a voz trêmula, num tom de choro e melancolia: "Desculpe, mas tive que me matar para matar a saudade que corroía dentro de mim. Amo vocês, até breve — Fernando."

Vicente e eu ficamos ali parados olhando para seu corpo pendurado, em prantos, sem saber o que fazer.

Autora: Isabelle Moreno Dias

A maligna

Era uma segunda-feira, eu, Luiza, sofria de distúrbios psicológicos, à 00:00 a casa estava no mais profundo breu, parecia que a luz havia caído em toda rua, porém depois de uma análise reparei que era só em minha casa.

Meu marido Antônio levantara há meia hora para ver o que aconteceu, como ele não voltou ainda, achei melhor ver o que era.

Passei antes no quarto de meu filho, Leonel, ele dormia... então não fui além da porta.

Fui descendo até chegar na caixa de fusíveis e religuei a luz.

Quando eu virei para voltar, vi Antônio jogado, era uma cena horrível, sua barriga aberta, seus órgãos para fora, um de seus braços decepado, jogado rente ao corpo.

Estava a quase um metro do corpo quando escutei um barulho na escada e desvirei de vez o corpo. Foi quando passou por minha cabeça que o assassino poderia estar na casa ainda e indo para o quarto de meu filho.

Eu corri para lá desesperada, contudo quando cheguei e chamei por ele, esse não respondeu, então o balancei e sua cabeça rolou caindo da cama.

Foi quando chamei vocês.

"Ok, senhora. Mas só me responda uma coisa, como você viu que a luz acabou?"

Autora: Kauane Bastos Pinheiro dos Santos

Analice

Analice sempre foi meio introvertida, longe de tudo e de todos. A separação de seus pais, quando criança, lhe acarretou uma profunda depressão... sua esquizofrenia e ansiedade a levaram para o fundo do poço, mas ao completar seus 17 anos, entrou na Faculdade de Oklaham, como psicóloga.

Ana teve apoio do namorado Tômas – professor de artes e letras – para melhorar. Sua faculdade a ajudou a entender mais o que se passava em sua mente e propôs uma autoajuda. Mudaram-se então para o centro de uma cidade em Nova York.

Após um ano de namoro, antes de seu noivado, Ana e Tômas têm uma discussão que causa uma breve separação.

Tômas já não estava mais presente em casa, e ela? Ela chorava... e como chorava. Os gritos que se escutavam toda noite eram tão perturbadores quanto os de uma rasga-mortalha. Ela não podia guardá-los consigo, explodiria se o fizesse. Tentou ligar para Nôa, um amigo de infância, mas não foi atendida. Sem saber a quem recorrer, ligou para o pai – mesmo não sendo tão próxima a ele, era sua família, pensava que iriam escutá-la – mas não foi correspondida. “Deixe seu recado”... Era tudo que escutava pelo aparelho insignificante que tinha em mãos. Foi para a rua, sem saber o que fazer, sem rumo. Foi para a ponte. Olhou, pensou, olhou, chorou, queria pular mas não tinha coragem. Chorou tanto quanto quando se separou de Tômas. Ficou por lá. Respirou uma, duas, três vezes e então ficou em silêncio. Pessoas passavam por ali mas não se importavam com a cena, até que um carro preto passou, era parecido com o de seu ex-namorado; suspeitava que fosse de Tômas. Gritou por ele mas sem reciprocidade. Desistiu do que estava fazendo e foi para casa.

No dia seguinte, acordou, olhou para o relógio, as horas passavam, sua vontade de levantar também. Ficou deitada olhando pela janela do quarto o sol nascer. Resolveu que acabaria de vez com aquilo. Foi para a sala e no fundo do armário pegou uma caixa de remédios que tinha de quando era mais nova. Estavam todos vencidos, obviamente, fariam mal caso consumidos, mas essa era a intenção. Encheu a mão de comprimidos e foi para a cozinha. Pegou uma das garrafas de uísque que Tômas guardava quando lá residia e então colocou tudo na boca de uma vez. Foi para a sala, deitou-se no sofá e esperou que surtisse efeito. Sentiu-se mal, começou a gritar e foi para o banheiro correndo. Começou a vomitar, até que em vez de restos de cápsulas dissolvidas em suco gástrico começou a sair sangue. Ligou para o pronto-socorro, e então percebeu o quão fraca era quando não servia nem para morrer.

“Tens consciência que o que ingeriu poderia te matar, certo?” – perguntou o médico.

“Não... devo ter ingerido com a comida...” – respondeu Ana enquanto escorria de sua face uma lágrima.

“Sendo assim, acho que posso te liberar. Apenas tome mais cuidado quando for se alimentar” – indicou o médico virando-se para uma das enfermeiras e pediu que a acompanhasse até a saída do hospital.

Chegou em casa já tarde. Ao abrir a porta, foi surpreendida com um abraço vindo de Tômas.

“O que está fazendo aqui? Pensei que não quisesses mais me ver”, disse Ana chorando.

“Bom... te vi na ponte, e o hospital me ligou avisando o que aconteceu. Sei que brigamos e que talvez não devamos voltar, mas você sabe que eu desmorono totalmente quando te vejo triste. Não poderia aceitar a notícia de que está morta. Não você. Posso cuidar de ti, caso aceite” – respondeu Tômas.

Aquela noite, em especial, dormiram na sala, juntos. Certamente Ana já estava reprovada na faculdade. Suas faltas correspondiam a cerca de dois meses e ela não pretendia voltar mais, ia trancar o curso e esperar as coisas se acalmarem.

Após três meses, Ana discute novamente com Tômas, que, antes de tudo, pediu perdão. Não queria se separar dela novamente, dava para ver em seus olhos o quanto queria seu bem. Ana, por sua vez não quis vê-lo e, nervosa, trancou-se no quarto para – segundo ela – proteger-se das coisas monótonas do cotidiano.

Todos os dias Tômas se dizia torturado por escutar o choro da namorada, os gritos, as unhas arranhando a porta quando já se estava anoitecendo. Ele sofria com aquilo mas não sabia como lidar. Não conseguia abrir a porta e tinha medo do que acontecia no quarto. Não queria assustá-la e nem forçá-la a sair.

Após três dias, sem surpresa, recebe em sua casa o jornal da semana. Uma das manchetes por sua vez o prendeu. Falava sobre o assassinato de uma família.

Os corpos foram encontrados em um dos tanques da faculdade de Educação Física. Todos com marcas visíveis de arranhões e mordidas. Tiveram as unhas arrancadas e os rostos cortados. Era a família de Nôa, amigo de Ana. Ao ir para a aula na noite, o jovem teve de escolher um corpo para estudar e, com azar, encontrou o corpo de seus familiares.

Tômas estava amedrontado. Estava preocupado com Ana. Tinha medo de que pudesse se tornar vítima. Correu em direção do quarto de Ana para ver se estava tudo bem e mesmo sem escutar a voz da namorada soube que estava lá quando escutou o barulho da porta do guarda-roupa se abrir e fechar novamente. Voltou para a sala e esperou o dia acabar.

“Você precisa sair daqui, precisa fugir. Fugir desse mundo e dessas pessoas.” Era o que se passava na mente de Ana toda noite, que, pensando estar sonhando, pulava a janela, toda noite, quando tudo estava em silêncio e a única “prova” de que estaria ali seria o som estridente de suas unhas arranhando a porta. E, como sempre, toda noite era mais uma pessoa que morria. E como sempre, como uma sonâmbula, quem as matava era Ana.

Uma família estava passando perto de um bosque. Apenas uma mãe e duas crianças. Ana — enquanto estava sonâmbula — chamou a mulher como quem estava perdida, e então sedou-a com uma substância líquida em um pano, em seguida foram as crianças. Com alguns esforços, levou-os para uma cabana de materiais esportivos perto do parque. De um por um, arrancou as unhas com um alicate. O sangue que escorria dos dedos fazia Ana rir, dizia que era um batom natural que tinha. As vozes em sua mente mandavam que arranhasse os corpos como quem diz ter marcado território ou até mesmo para satisfazer algum desejo insano. Após algumas horas, levou os corpos para uma Faculdade de Educação Física que se encontrava ali perto. Jogou os corpos no formol e foi se limpar. Voltou para casa, pela janela, e foi deitar-se.

Na manhã seguinte, Tômas recebeu uma ligação de Nôa, amigo de Ana. Estava desesperado querendo saber se estava tudo bem com a amiga, se estava segura...

Um mês depois, assustados com a onda de assassinatos, o pai e o irmão de Ana vão para a cidade no intuito de protegê-la.

Telefonaram a Tômas pedindo que fosse buscá-los no aeroporto. Assim foi feito. O pai perguntou pela filha e recebeu como resposta que ela estaria em aula mas que brevemente iriam buscá-la, apenas esperariam que ela telefonasse.

O sol já se punha quando receberam um telefonema de um suposto sequestro.

"Ana está em perigo" era o que seu namorado conseguia pensar.

Tômas pegou o carro e, sem êxito, foi em busca de Ana. Rodou em busca da namorada por alguns dias até que a encontrou caída próxima a um abismo, deitada no chão, com as roupas ensanguentadas, as unhas arrancadas e o que um dia fora longas madeixas negras agora era um cabelo curto. Tomas correu desesperado em direção da namorada até conseguir tomá-la em seus braços.

Assustada porém, a menina acordou e começou a se debater e gritar. Dizia não conhecer quem um dia chamou de namorado; gritava por socorro e dizia que as suas vozes falavam que estava em perigo. se debateu tanto até que Tômas a largou.

"Ela enlouqueceu... o que fizeram contigo, meu amor?..." eram as únicas coisas que tinha em mente no momento em que a viu.

A jovem por sua vez, para tentar se defender, empurrou o namorado no abismo e saiu correndo pela estrada.

Um único grito foi o que se pôde ouvir vindo do jovem.

Autora: Letícia Geovanna Andrade da Silva

Stiltskin

Primeiramente gostaria de me apresentar, para caso alguém encontre meu relato. Meu nome é Stiltskin, tenho 37 anos e vivo na floresta negra que rodeia o reino de Heitor que fora castigado por Deus.

Vivo sempre na mesmice, mas hoje, resolvi dar uma volta pelo castelo, apenas por diversão, na espera de encontrar alguma coisa interessante.

Saindo daqui e chegando ao castelo, entrei como se fizesse parte dele, para que não percebessem minha presença. Já era tarde, por isso as ruas estavam um tanto vazias e no cair da noite percebi crianças alimentando-se de restos de comida, de lavagem, junto a ratos e baratas, uma cena deplorável.

Cheguei em frente ao castelo e percebi que os seguranças estavam distraídos além de parecerem muito ignorantes, então, em qualquer caso, diria ser ajudante de cozinha. Entrei. Não sabia direito para onde ir, estava escuro e não havia mais ninguém acordado além de mim.

Fiquei babando nas obras de arte lá presentes por horas e horas, até que cheguei em um quarto bem grande. E quando entrei reparei que havia um homem feio, que parecia estar apodrecendo, praticamente morto, não tinha como perceber minha presença. Aquele lugar fedia a enxofre e enquanto observava aquilo que parecia ser uma pessoa, provavelmente afetada pela terrível praga, reparei no quão luxuoso era o quarto, tudo brilhava, fiquei saciado ao ver aquelas perfeições e foi então que me dei conta de que provavelmente me encontrava no quarto do Rei Heitor, um dos lugares mais movimentados e que aquilo deitado na cama era ele.

Ao perceber onde me encontrava, ouvi alguns passos e me escondi em um armário. Observei cuidadosamente quando a porta se abriu e vi uma moça bonita entrar e rapidamente a reconheci. Era ela, Noah, agora mais velha e mais bela, provavelmente beirando seus 20 anos, aquela que me saciou com seu corpo e com seus gritos nove anos atrás.

E cá estava eu, ironicamente, encontrando-me novamente com aquela que por tanto tempo esperei. Ainda lembro-me do seu olhar de ódio e repúdio para mim da última vez que a vi, mas não esperava encontrá-la naquela situação, matando o pobre Heitor, que tanto precisava de ajuda. Realmente não ligava para isso, mas a vontade de vê-la morrer era tanta que isso me incomodou de maneira insaciável, ela foi feita para apanhar, usava roupas vulgares, mulheres assim não merecem sobreviver para qualquer outra coisa que não seja como capacho.

Vi o nervosismo que pairava sobre ela, sua tremedeira me irritou, já estava mais que na hora de acabar com sua vida e limpar aquela bagunça. Entrei tão lentamente e em silêncio quanto um gato, peguei a adaga que ela tinha deixado cair, minha vontade era apenas vê-la dormir para sempre, não suportava mais ver como era desastrada.

Enquanto caminhava até ela, pensei onde poderia acertar, para que morresse rapidamente e não mais me incomodasse, fui fazendo uma lista mental de como matar Noah.

Decidi dar a ela uma dor súbita, faria uma pequena bagunça, mas seria rápido. Passei a lembrar onde precisaria acertar para romper sua artéria aorta, se seria no tórax, no pescoço ou na coxa. Decidi cortar sua jugular para que não fizesse muito barulho e era o ponto mais fácil de se acertar, já que estava de costas para mim. Não deu tempo de pensar muito, quando vi, já tinha feito, mal aproveitei o momento que tanto desejei. Lá estava Noah, deitada com seu vestido, agora sujo de sangue ao lado de Heitor.

Aquilo tinha sido divertido. Se ela não fosse tão desajeitada, talvez eu tivesse poupado sua vida. Mas agora eu precisava limpar aquela bagunça, trouxe a banheira de madeira onde Heitor banhava-se e foi ali mesmo que os esquitejei.

Retirar as manchas de sangue foi fácil, apenas deixei um tapete novo pregado por todo o chão, jamais olhariam a parte inferior dele.

Esconder os retalhos de Heitor e Noah me deram mais trabalho, mas as mudas de rosas ficaram boas e cresceram lindas e saudáveis, serviram-me como um ótimo adubo.

Tudo ficou como antes, não sei o que as pessoas disseram no outro dia sobre o desaparecimento deles, apenas fui para a floresta para morrer sozinho e nunca mais voltar para aquele lugar imundo, afinal, a praga jogada por Deus também já havia me afetado.

Autora: Lia Mara Lunardon

Um caso quase descoberto

Um casal jovem morava em uma rústica casa de madeira — aquelas que até a porta rangia durante inúmeras noites — isolada, entre muitas árvores, num sítio bem, bem distante da grande cidade movimentada. A moça era alguém muito simpática, brincalhona, extrovertida e de uma beleza exuberante. Além de ser extremamente apaixonada pelo rapaz. Passou por muitos comentários como “cuidado”, “ele é estranho”, “você vai mesmo casar com ele?”, mas nunca ligou para isso, ela era cega de amor. Já ele, bom, ele era um cara de poucas palavras, falava só quando era realmente necessário e adorava ficar sozinho. Antigo usuário de drogas, e de vez em quando tinha surtos, os quais o faziam derrubar, quebrar tudo em casa. Motivo de muitas brigas do casal.

Após alguns meses os dois acabam tendo um filho. Ele, que era totalmente contra isso, fala à sua mulher que não quer que ela tenha a criança, caso contrário ele sairia de casa. Como ela deu à luz o bebê, o homem, como dito anteriormente, saiu de casa, abandonou tudo o que tinha, deixou sua esposa em rios de lágrimas. Ela, agora sozinha, iria criar sua filha com muito amor e carinho. Nunca mais ouviu falar de seu marido.

A menina nasceu claramente com a grandiosa beleza de sua mãe: era de pele branquinha, com os olhos bem azuis e cabelos loiros e encaracolados. Ela foi crescendo como uma amorosa criança. Sua mãe, costumava fazer duas tranças em seus cabelos. E a menina adorava brincar em seu balanço, na frente da casa, entre duas altas árvores, feito pela própria mãe.

Depois de quatro anos, aparece uma visita inusitada: o sumido marido volta, dizendo que se arrependeu do que fez e que quer reatar seu casamento e viver novamente com sua esposa. Ela, tão feliz com a volta do homem, o recebe de braços abertos e com um grande sorriso estampado em seu rosto, chama sua filha e a apresenta ao pai. Ele, quando viu a bela criança a abraçou de um jeito forte e carinhoso e ela, como uma criança inocente e querida, o abraçou também. A partir daí, a menina começou a aprender a conviver com a presença de seu pai, e ele, muito feliz com isso, tem uma relação agradável com sua filha: sempre a empurrava em seu balanço toda manhã e no fim de tarde, brincava até de boneca, além de fazer outras variadas coisas de pai.

Uma semana após a volta do marido, mesmo com todo esse clima de felicidade, um desastre terrível acontece: ao acordar numa bela manhã, a mãe vai para o quarto de sua filha, para despertá-la, e não vê a menina deitada em sua cama. Ela vai até a cozinha e pergunta se o pai viu a criança, ele, já com um olhar desesperado fala que não. Então os dois começam a procurar a menina ao redor da casa. Eles a acham perto de seu balanço, porém, a criança estava morta, esfaqueada. A mãe começa a chorar compulsivamente, sem acreditar no que estava vendo, o pai, mesmo estando surpreso e triste, tenta acalmar a mulher. Por um bom tempo ele não consegue, mas depois ela se acalma. O casal enterra sua filha ali mesmo, ao lado do balanço que costumava brincar diariamente.

Logo no dia seguinte, os dois saem cedo de casa e vão até a delegacia da cidade grande. Tristes e ainda não acreditando nem aceitando o fato ocorrido, contam tudo, exatamente como foi para o delegado da polícia mais próxima. Este diz que ao amanhecer o dia vai com alguns homens e um detetive a casa. Dito e feito, chegado lá, eles vistoriam tudo, não encontram nada. Por um bom tempo, a polícia realiza investigações, mas de nada adianta, não encontraram sequer a arma do crime.

Ainda não aceitando isto, infelizmente, a vida dos dois continua. Bom tempo se passa e eles tem mais um filho, ao contrário de antes o pai apoia gentilmente a gravidez, a qual é como qualquer outra, bela e feliz. E, dessa vez, nasce um menino.

O menino tem as mesmas características que sua mãe: era divertido e sorridente, além de ter um alto nível de inteligência e ser muito curioso. Gostava de ter contato com os animais, andar de bicicleta, passear pelo sítio e ir até a cidade grande (mesmo que fosse raramente). Seus pais o criaram com todo o amor e carinho. Seus pais jamais tocaram no assunto do passado com o menino.

No seu aniversário de onze anos, eles o levaram para comer pizza na grande cidade e após isso o levaram para o parque de diversão. Para ele, foi o melhor aniversário que pôde ganhar, voltou para casa feliz e contente.

Chegando em casa, quando estava se preparando para dormir, ele ouve uma voz que não conhecia, vindo debaixo da sua cama, dizendo sussurrando: "Eu gosto de você." Com muito medo, ele se abaixa para ver o que era, e não vê nada. O menino vai dormir com isso na cabeça. E ainda, para ajudar, ele sonha com a morte de sua mãe. No dia seguinte, quando acorda, decide não contar nada do ocorrido para seus pais.

Mas sua mãe percebe que ele não está bem, ela pergunta o que aconteceu, e ele responde que nada tinha. Deixa sua mãe na cozinha, e sai para brincar lá fora, como de costume. Contudo a mulher percebe que seu filho não está as mil maravilhas, mas deixa isso pra lá (até porque o menino tinha saído para brincar).

Ele vai brincar com sua bola perto do balanço. Onde vê uma garotinha se balançando. Ele fica extremamente assustado, perturbado, aterrorizado, e ela o diz: "Eu falei com você esta noite, você não quis me ouvir, eu preciso de ajuda, e você é o único capaz de fazer isso."

O menino sai gritando de lá. Seus pais ficam muito surpresos, o menino já não era mais aquela criança feliz e brincalhona. A mãe tentava conversar para saber o que estava acontecendo, e de jeito nenhum ele dizia. Pensava que seus pais não acreditariam nele, e que isso que estava vendo poderia fazer algum mal à sua família.

Embora houvesse esse clima de tensão na família, veio uma coisa boa: a mulher engravida novamente. Os pais, radiantes, decidem ir até seu filho para contar-lhe a boa notícia, a fim de que ele ficasse mais tranquilo e voltasse a ser quem era. No momento, até que pelos primeiros minutos, ele ficou superfeliz e animado quando soube de tal fato, seus pais viram de novo seu lindo sorriso. Mas, depois, ele voltou a ficar naquele clima de tensão.

Durante toda a gravidez de sua mãe, ele continua vendo, ouvindo coisas que o faziam ficar muito, muito perturbado. Porém, uma noite, no seu quarto, deitado em sua cama, ele pensa com calma, pensa em todos os fatos que aconteceram com ele todo esse longo tempo, e descobre que esse tal espírito que estava tentando pedir ajuda era sua irmã mais velha, a qual tinha sido assassinada muito tempo atrás. Ele, curioso quis saber tudo, exatamente como foi. Mas o espírito diz que não pode dar-lhe essa informação de forma direta.

Então, o espírito lhe pede que ele vá até o balanço e cave um buraco na terra, e lhe dá a informação de que lá tem um diário, e era para ele seguir seus sentimentos e abrir na página que quisesse. Seguindo a dica do espírito, o menino faz isso. Ele abre numa página, onde está escrito: "Eu tenho um ódio mortal por crianças, eu as odeio mais que tudo, por isso matei o que saiu da barriga de minha esposa, aquilo, para mim, chegava até a ser nojento. E quem descobrir meu segredo será torturado, e depois o matarei da pior forma possível."

O garoto lê isso tremendo de medo, ele revisa o diário inteiro e descobre que quem o escreveu foi seu próprio pai.

A menina lhe dá a pista que é para ele ir até o porão (era madrugada), ele vai. Ele desce as escadas com calma e silenciosamente, conforme pedido o espírito. Quando finalmente chega lá embaixo ele vê exatamente o que o espírito estava tentando lhe dizer: ele vê seu pai, como nunca tivera visto antes, com seu irmão, sob uma mesa, e em suas mãos tinha uma faca, o homem estava prestes a matar a criança. Ao ver essa cena, o garoto fica extremamente assustado e quando vai subir as escadas novamente para contar à sua mãe o que viu, ele encosta o pé em entulhos, e conseqüentemente faz um barulho, o homem ouve, e rapidamente olha para trás, e vê o guri. Então deixa o que estava fazendo, e fala para seu filho, com um sorriso irônico no rosto: "Parece que meu filhinho predileto descobriu meu segredo."

Autora: Maria Eduarda Martins

Imagine uma criança que fica sempre isolada, que não tem amigos, que na hora do recreio enquanto seus colegas brincam e correm ela senta e come seu lanche em um canto escuro no qual ninguém vai. Esse é Alex, um menino sem amigos, que tem apenas as vozes em sua cabeça que lhe dizem o que fazer, como fazer e com quem.

O que ninguém sabe é que esse pequeno menino de apenas 11 anos já sofreu muito com as bebedeiras de seu pai, que chegava em casa tarde da noite, batia em sua mãe, machucava o filho tanto fisicamente quanto verbalmente e ainda no outro dia agia como se nada tivesse acontecido. Sim, essa era a infância de Alex.

Em uma das noites seu pai chegou muito bêbado em casa, como sempre, mas dessa vez ele tinha um olhar estranho, um olhar de ódio, então em vez de bater na mãe de Alex resolveu torturá-la. Primeiro pegou uma tesoura e cortou seus cabelos, com os quais ela tinha muito cuidado, depois quebrou várias louças e fez ela juntar, também cortou um pedaço de sua orelha quando estava cortando seu cabelo, sem falar nos socos, chutes e tapas.

Alex ficou horrorizado ao ver aquilo e foi tentar impedir, mas o pai o empurrou, fazendo ele bater a cabeça e ficar meio tonto. Quando Alex acorda na madrugada está em sua cama, sua mãe havia lhe colocado para dormir. Ele levanta para ver se sua mãe está bem, vai até o quarto dos pais e quando vê seu pai é tomado por uma sensação diferente, porém não boa. Ele sente nojo, raiva, ódio e medo de seu pai, o qual era pra ser amado e protetor.

Alex não suporta mais ver o sofrimento de sua mãe, sempre sendo judiada pelo pai, então toma uma atitude drástica, resolve acabar com o sofrimento da mãe à força.

Ele vai até a cozinha e toma uma faca em suas mãos, muito afiada e pontuda, segue para o quarto de seus pais e entende que por estar muito bêbado seu pai não poderia fazer nada para impedi-lo, então Alex é tomado por fúria e enfia a faca bem no coração de seu pai, que não faz muito barulho, dá um leve grito, um gemido e fica lhe olhando enquanto dá seus últimos suspiros. Ao ouvir o grito a mãe de Alex acorda e vê o que o filho havia feito, não consegue acreditar, pensa ser uma brincadeira de mal gosto ou uma pegadinha, não consegue entender como uma criança tão quieta e boa consegue fazer isso.

Naquela madrugada ninguém mais dormiu, Alex e sua mãe entram em um acordo no qual a mãe esquarteja, queima o corpo e enterra as cinzas no jardim, seu pai como não tem mais família na cidade poucos darão falta dele, e se alguém perguntar combinam de dizer que está em uma viagem de negócios, porém Alex não poderá mais voltar pra casa, sua mãe não consegue mais olhar pra ele sem pensar na crueldade que foi capaz de cometer com o próprio pai, então o manda para casa de uma tia do outro lado da cidade, explica que tem que viajar e não sabe quando volta. Depois de um tempo Alex e a tia tentam contato com a mãe, mas a casa está abandonada, o número de celular foi desativado e o endereço que ela passou da nova casa não existe.

Quando Alex completa 15 anos resolve tomar um jeito na vida, ele ainda mora com a tia, mas sente que a incomoda. Então com o dinheiro que havia na conta bancária que sua mãe deixou ele dá entrada em um apartamento para ele e começa a trabalhar, assim como volta a estudar.

Alguns meses se passam e Alex já está acostumado com a nova vida, morar sozinho, trabalhar e estudar, porém nem tudo é tão simples. Ele está perdidamente apaixonado por Isabella, uma menina que cursa o segundo ano do ensino médio em seu colégio, mas eles nunca se falaram, apesar de ele ter percebido alguns olhares durante os períodos livres que tinham em comum.

No Dia dos Namorados, Alex sente que não consegue mais esconder o que sente por Bella, então vai a uma floricultura, compra rosas, um chocolate e toma a iniciativa de ir falar com ela na saída de seu colégio. Ele está confiante e chega nela, se ajoelha e se declara dizendo que já a admira há algum tempo e que sem sentir o perfume ou mesmo passar ao lado dela o dia dele fica cinza, mas ela nem o deixa terminar, diz a ele que nunca ficaria com ele, que ele é iludido ao pensar que poderia rolar algo entre eles, então pega as rosas e os chocolates da mão de Alex, joga tudo no chão e pisa em cima na frente dele. Ele fica desolado, sem saber o que fazer e sentido vergonha pelo mico que passou na frente de todos, quando se vira para trás vê Bella abraçando outro cara, um colega de sua turma chamado Ricardo, entregando uma aliança de compromisso. Porém Alex nem imaginava que eles estavam juntos e fica enfurecido ao perceber que outro cara havia tomado seu lugar com a menina que tanto desejava.

Depois de algumas semanas Alex convida Ricardo para ir a sua casa para uma conversa, porém já havia um plano arquitetado. Quando ele chega lá, Alex o trata superbem, mas quando tem a

oportunidade coloca seu plano em prática, pegando um martelo nas mãos e golpeando a cabeça de Ricardo. Como Alex não tinha muitos amigos resolveu decapitá-lo e colocar sua cabeça em uma estaca de madeira ao lado da cama, para sempre poder conversar e contar de seu dia a ele. Três dias depois Ricardo é dado como desaparecido e Bella bate na casa de Alex, ela chega e fala que sabe que foi ele quem matou seu namorado, que ela só quer a confissão dele. Ele pede calma a ela e lhe oferece um suco, ela aceita e eles começam a conversar normalmente, sem histeria e gritos dessa vez. Depois de meia hora Bella se sente tonta, mais alegre e com vontade de abraçar todos, o que ela não imaginava é que Alex havia colocado Ecstasy em sua bebida. Ele a leva para seu quarto e em menos de quinze minutos ela está desmaiada. Quando acorda no outro dia se assusta, não reconhece onde está, nem porque está ali, então deita um momento e começa a ter alguns flashbacks da noite anterior. Ela se desespera, lembra da cena de Alex a estuprando, ela só não consegue lembrar porque ficara tonta e desmaiara daquele jeito. Bella entra em pânico, levanta da cama, junta suas roupas do chão e quando olha para o lado da cama vê a cabeça de seu ex-namorado, então grita e começa a chorar. Ela está de costas, quando Alex ouve seu grito sabe que cumpriu bem seu plano, então chega por trás dela e lhe diz que às vezes se sente solitário e que Ricardo até que não é uma má companhia, então ela sai correndo pelo apartamento, mas não tem saída. Alex se aproxima dela lhe dizendo que ele gostou demais dela e da noite que tiveram e que é uma pena ele ter que acabar com ela assim, mas que ela sabe demais. Nessas palavras ele dá uma machadada em seu pescoço, também decapitando-a. Ele decide colocá-la ao lado do namorado, pois assim poderia ter dois amigos para conversar. Uma semana depois a polícia da o caso de Bella e Ricardo como fuga em casal para algum lugar, quando Alex ouve isso no noticiário local começa a rir insanamente e diz para as vozes que ouve em sua cabeça desde criança, que também são as vozes que lhe aconselham a cometer suas insanidades, e para seus novos dois amigos, que ele não podia estar mais contente, e começa a cantar feliz uma música natalina, como se sua vida estivesse apenas começando naquele exato momento.

Autora: Maria Vitória Nunes Biseski

A chave

Estava em frente à minha casa, esperando pelo táxi que chamei para me levar até o jornal em que meu melhor amigo Matheus trabalhava. Todas as janelas do carro eram escuras como as penas de um corvo, o motorista abriu o vidro e falou com uma voz aterrorizante:

— Não tenho o dia todo, garoto!

Entrei no táxi com suspeitas, mas até o final da corrida ocorreu tudo bem.

Chegando ao escritório de Matheus, dei de cara com o seu chefe, Gabriel, que me recebeu dizendo:

— Vá ver o seu amigo com a sua nova tarefa.

Matheus me disse que recebeu o trabalho de achar uma tal de chave e fazer uma matéria sobre ela. Falou que não tinha muitas informações sobre, apenas vários boatos e mistérios em torno do objeto e iria ficar até de noite no escritório para saber mais. Perguntou-me:

— Não quer me ajudar aqui? Fique até descobriremos alguma coisa.

Sem querer desmotivá-lo falei:

— Amanhã cedo vou vir até aqui e vamos atrás disso.

Antes de ir embora fui falar com Gabriel e perguntei o que Matheus ganharia com esse trabalho ele me disse que esse foi um dos mais difíceis trabalhos que ele deu para um funcionário, o primeiro que o recebeu falhou. E como sabia que Matheus gosta de desafios, se conseguisse trazer a matéria perfeita iria ganhar muito mais dinheiro e seria o seu braço direito, seria conhecido mundialmente.

Chegando em casa procurei mais sobre e não consegui nada, já estava pensando em desistir, porém lembrei que tinha de ajudar Matheus. A noite toda fiquei pensando o quanto ele estava empolgado com isso e o quanto poderia ser bom para ele.

De manhã acordei com barulhos vindos da minha sala, quando fui ver, era Matheus com um verdadeiro relatório sobre a chave. Primeiro me contou sobre os sites em que pesquisou que falavam de chaves para outro mundo, portais, buracos negros. O mais próximo e verdadeiro relato que encontrou foi de uma chave que era guardada em segredo pelos maias e quando estava procurando por evidências ele ouviu um sussurro em seu ouvido dizendo que encontraria dentro do balcão de itens de presidiários em um deserto.

Fiquei muito assustado, pois como alguém dentro do escritório teria informações sobre esta chave, apenas poderia ser uma pessoa que foi atrás disso. Falei para Matheus:

— Isto é muito perigoso! Gabriel me disse que o último a trabalhar nesta investigação falhou. Não quis papo, decidi que depois de ter certeza da localização da chave iríamos ao meio-dia atrás dessa chave.

Nossa jornada começou. Pelo caminho ele me contava mais e mais do local, da chave e do que supostamente ela faz, como a prisão, a seção de itens e para onde ela leva.

Depois de muita procura avistamos ao longe destroços de uma construção grande. Chegando mais perto concluímos que era a cadeia, percebi que Matheus estava obcecado para achar a chave, ele saiu correndo na minha frente e falei:

— Espere um pouco, não sabemos o que pode ter ai!

Deu de ombros.

Ao entrar era um verdadeiro labirinto, com celas sujas e roupas desgastadas. Gritei por Matheus, mas ele não respondia. À minha direita havia os banheiros e um pouco à frente a biblioteca, quando virei à esquerda vi a sessão de itens, e não muito longe estava ele, correndo para buscar seu prêmio, tentei chegar a tempo, mas era tarde demais.

— Você não sabe o que está fazendo! — disse-lhe.

— Por que quer me impedir?

Ele pegou a chave em suas mãos e falou:

— Esperei muito tempo, nunca tive fama e muito menos afeto. Posso cumprir a minha missão.

Puxei para mim a chave, sem sucesso ela acabou caindo e abriu e rapidamente fechou o portal que puxou Matheus para um lugar que ninguém conhece.

Autor: Nicolás Ovichowski Amâncio

"Meu nome é Ronaldo tenho 45 anos e matei o menino Bruno"

Me conte por que.

"Bom, lá estava eu em minha casa quando escutei meus vizinhos indo viajar para um final de semana e deixando seu filho mais novo em casa, logo após a saída dos pais o menino começa a fazer muito barulho com panelas e madeira.

Fico olhando a casa de onde vinha o barulho, mas com a janela entreaberta para que ninguém me visse, então vejo que o menino estava construindo uma plataforma em seu quintal"

Porque não queria que te vissem?

Começando a chorar ele fala...

"Porque não queria que me vissem sem minha família, que havia morrido 20 anos atrás, ela era tudo para mim e agora não tenho nada para ganhar sem ela e nada a perder, não faço nada, não tenho vontade, tentei ir ao psicólogo mas ele disse que estava ficando louco, paranoia dele, então nem fui mais."

Continue

"Pois bem, logo de noite o menino começa a olhar em direção a minha casa que não tem nada de mais, não tem quintal bonito não tem cor, não tem vida, é assim que eu gosto, não o que uma criança de 13, 14 anos gosta. Ele parecia curioso a respeito de minha casa, mas nem fiz nada. No dia seguinte, sábado, fico vendo seu quarto todo cheio de frufuzinho de brinquedos, mas o que ele queria era ficar olhando minha casa, tentando achar algo ou alguém, mas eu sabia olhar sem que me visse,"

"Começo a tomar minha bebida para não lembrar daquele menino mimado, mas começo a lembrar de minha família, não consigo parar de imaginar que ele estaria olhando para minha casa."

Ele fica muito alterado quando fala da família.

"Depois de muitos minutos sem barulho, escuto pedras batendo em minhas janelas, logo desconfiei do menino, mas não saí de casa para ver, esperei mais alguns minutos, e não adiantou tive que espiar o que aquele moleque estava fazendo. Quando vi, ele estava tirando fotos e anotando coisas em um bloco de notas, então fiquei de saco cheio daquele menino e saí pela porta dos fundos fingindo fazer alguma coisa, mas quando entrei deixei a porta aberta de propósito."

Para quê?

"Espere, espere. Quando entrei em casa e fui ver o que o menino estava fazendo, ele estava vendo se a porta estava realmente aberta e correndo para o quanto pegar uma mochila e uma lupa de aumento com lanterna. Quando escureceu o piá vem discretamente em direção a minha casa pensando que ninguém o via, quando pulou a cerca fui para dentro de um armário que tinha frestas e espaços que me permitiam ver o ambiente."

"Quando ele entrou, viu o interior de minha casa toda preta e se assustou, mas continuou. Eu estava lá, esperando que ele se descuidasse, um erro era tarde de mais."

"Quando Bruno para e começa a mexer em uma gaveta, parecia que estava procurando algo, mas na verdade só queria 'investigar' o que me fazia ser de tal jeito muito estranho."

"Peguei ele por trás e o desmaiei com um boa noite Cinderela, então já era tarde demais para ele, enquanto estava desmaiado o amarrei em uma cadeira e coloquei um saco em sua cabeça."

"Quando já estava acordando começou a se bater na cadeira, não conseguia gritar pois enquanto dormia seus dentes haviam sido arrancado, e não estava acostumado, quando comecei a interrogá-lo sobre que levou a entrar em minha casa."

"Bruno não queria falar nem escrever porque queria saber por que seu vizinho era daquele jeito. Então empunho minha faca e corto nove dedos do menino, mesmo assim não queria falar e aí eu tenho que tomar medidas mais drásticas."

"Quando não tinha mais o que cortar, além de ele não estar mais vivo por falta de sangue, enfiei minha faca entre seus olhos, então eu estava satisfeito com aquele moleque que se achava um detetive."

"Como Bruno era pequeno, ele não era muito difícil de esconder, então enterrei cada pedaço no terreno de meu lar."

Autor: Rafael Wilson Larsen Endlich

O inesquecível

Querido leitor, vou lhe contar uma história de amor. Porém não é apenas uma história e sim o motivo pelo qual eu ainda estou aqui, esse romance que já vai começar se passou quando eu era juvenzinha lá pela casa dos 16, 17 anos, ou seja, muito tempo atrás e foi um dos períodos da minha vida de que nunca me esqueço. Bem mas sem mais delongas, leiam por si próprios:

"Christopher White como sempre duas carteiras depois de mim, com aquele jeito encolhido como alguém que não queria ser observado, o mesmo olhar de canto o mais discreto possível que eu já reparava havia algum tempo, tentava se virar para o lado contrário só para não ter que encontrar

meu olhar, mas mesmo assim ele sabia que eu o observava. Cada detalhe conta, naquele momento comecei a perceber sua essência, seus olhos eram escuros assim como o seu cabelo, seus lábios eram bem delineados e de longe pareciam tão sensíveis, mexia levemente em seus cabelos, sua expressão era séria, mas ele parecia cada vez mais atraente, um lado escuro que eu queria conhecer, mas não conseguia. Ainda faltava me coragem para lhe pronunciar palavras. Entretanto, em um dia comum estava voltando para casa quando de repente o céu começou a cair, e estava tão forte que não teve jeito, tive que me esconder da terrível tempestade, entrei rapidamente em uma cafeteria, tão calma e aconchegante com um cheiro de café maravilhoso. Foi quando na mesa do canto encontrei seu olhar de cabeça baixa olhando por cima, aquele foi o primeiro momento desde então que ele não tentou fugir e ficamos nos encarando por cinco segundos, longos cinco segundos.

Aquela era minha chance, não havia ninguém ou algo que me impedisse, perguntas invadiram meu consciente. O que eu falaria? Como eu me comportaria? Será que eu consigo mesmo? Porém nem deu tempo de pensar, distraída senti alguém me tocar, era ele, que me perguntou se queria me sentar com ele pois como a cafeteria estava quase que vazia e uma companhia seria bom. Que voz, uma voz grossa mas ao mesmo tempo suave, nunca escutei nenhuma parecida. Confesso que fiquei impressionada.

Tentando manter a calma, eu aceitei, nós nos sentamos juntos, começamos a conversar ao som de uma música clássica tão bela... foi quando eu consegui finalmente desvendar o seu lado. Um jeito tímido, porém extrovertido quando você o conhece, uma pessoa bem humorada para quem parecia ser sério demais. Entre falas pausadas, olhar dentro do olho, sorrisos tímidos com a mania de sempre morder uma pontinha do lábio inferior, com todas as minhas observações e percepções eu o marquei, me contou cada detalhe sobre ele, que gostava de cantar, de passear pelo parque, de escrever poemas (pois é incrível), de ser mais ele com ele. Sim um menino fofo, tímido, sério e provocador, sem dúvidas já estava apaixonada.

Depois de horas conversando, percebemos que a chuva passou, olhamos para fora e voltamos a nos olhar, silêncio, era o que restou. Então disse que precisava voltar pois meus pais acabariam brigando comigo se chegasse muito tarde, ele com um jeito meio triste me disse que tudo bem e disse também que tinha adorado minha companhia e que devíamos nos encontrar mais vezes, eu concordei, foi então que ele com muita coragem me convidou para passear no parque no dia seguinte depois da aula, com o coração querendo saltar para fora eu respondi tranquila que sim, mas na realidade eu estava muito animada e não consegui me conter de tanta felicidade quando cheguei em casa.

Dia seguinte, aula acabou eu saí e fui em direção à saída. De repente alguém chamando por meu nome vinha correndo tentando desviar da multidão aglomerada que ia em direção à saída. Eu o observava diferente agora, ele estava com um brilho diferente, algo que parecia especial e dessa vez pude ver o seu sorriso por completo e, sim, ele era muito lindo.

Fomos então caminhando em direção ao parque, entre passos lentos conversávamos e ríamos de coisas tão bobas, como por exemplo uma pomba fazer prurito e eu sei que isso para você, meu caro leitor, parece ser estranho, mas na hora fez tanto sentido que nós rimos de tudo, até mesmo do vento. Olhei para o chão, chutei o nada e foi quando eu disse que adorava seu lado engraçado e divertido, ele meio envergonhado disse que gostava também do meu jeito extrovertido.

Paramos e nos sentamos embaixo de uma árvore de frente para o lago, o dia estava tão bonito nuvens enfeitavam o céu, o sol brilhava sobre nossas cabeças e a brisa das árvores nos remetia à tranquilidade. Ele começou a falar, olhando para o nada, disse então lentamente, com uma voz suave, calma e sedutoramente: "Nunca encontrei alguém tão legal como você." Foi nesse momento em que ele virou a cabeça, olhou em meus olhos e eu nos dele, meu coração acelerava tanto, depois de tanto olhar ele falou algo tão fofo, que nunca tinha visto olhos tão bonitos como os meus, eu então dei um sorriso meio envergonhada e ele na mesma hora complementou dizendo que o meu sorriso também era diferente de todos os outros. Como não se apaixonar? Ele deitou sua cabeça em meu colo e começou a falar coisas sobre a vida, como às vezes tem pessoas que nos fazem tão bem e como às vezes a vida é sacana em nos privar delas, eu escutando cada palavra acariciava seus cabelos macios e olhava sua boca se mexendo. Depois de algum tempo conversando ficamos em silêncio, ele ainda deitado em meu colo com os olhos fechados, e eu observando as águas claras daquele lago, aquele momento foi tão bom.

Entardeceu, fomos embora um para cada lado pensando no amanhã que viria.

Na escola, no outro dia, ele não estava lá, achei estranho pois ele não costumava faltar, passaram as aulas e se foi o dia. No outro ele também não, veio achei mais estranho ainda, mas mesmo assim continuei normalmente a rotina. Chegou então o terceiro dia, e é exatamente o que você está pensando, ele não veio. Preocupada eu pensei em várias possibilidades, ele morreu, ai, meu Deus, não poderia ser! Ou talvez ele fosse uma pessoa que eu criei, mas na verdade nunca existiu, será? Porém no outro dia ele veio.

Contou que havia passado mal e acabou tendo que ficar em casa, mas que já estava bem, eu preocupada desejei melhoras a ele. Com uma sinceridade no olhar ele disse que sentiu minha falta e que com certeza se eu estivesse com ele aquele sofrido momento teria passado bem rápido, eu com um sorriso já no rosto disse que estava muito encantada com aquele cavalheirismo.

Decidimos ir ao parque novamente, mas dessa vez foi diferente. Demos voltas e voltas, corremos, brincamos como crianças, rimos tanto e quando nos cansamos nos deitamos na grama e ficamos observando as nuvens, parecíamos melhores amigos e era realmente o que estávamos nos tornando.

Ele então virou sua cabeça para mim e me perguntou algo que me espantou, suas palavras foram "Você acha que amor existe?" Eu me virei para ele e disse que obviamente existia, ele se sentou e olhando pra mim disse que talvez isso fosse apenas uma invenção da nossa cabeça, na mesma hora me sentei também e retruquei que existia sim e ainda disse que, se não existisse, pessoas não viveriam sorrindo e sempre dizendo que estão apaixonadas. Ele me perguntou como saber que é amor, e eu sonhando lhe respondi que é quando você vê a pessoa e na hora seu coração dispara, você começa a suar, sente aquele friozinho na barriga, não sabe o que dizer e perde o controle dos seus pensamentos. Foi então naquela hora que ele se aproximou, caro leitor, dava para sentir sua respiração em meu rosto. Frente a frente. Olhos nos olhos. Sua mão segurou meu pescoço por baixo dos meus cabelos caídos nos ombros. E nesse clima ele me fez uma pergunta desafiadora, com toda coragem, tentando me manipular ele falou: "E como você pode provar o que está sentindo?" Sem mais nada a dizer eu congelei, ele se aproximava cada vez mais e quando seus lábios estavam quase perto dos meus eu saí correndo.

Você, leitor, deve estar achando que eu sou uma idiota, talvez, mas aquele não era meu momento. O garoto por quem eu estava apaixonada tentou me beijar e eu fugi, pois é ainda estou tentando entender. Mas, calma, esta história ainda não acabou.

No mesmo dia eu fui correndo para casa, porém quando eu estava perto da cafeteria, exatamente a mesma em que eu conheci Christopher de verdade, começou a chover eu já desesperada andei bem devagar, não me importava de me molhar, eu já havia estragado tudo mesmo. Quando entrei na cafeteria estava o mesmo clima de antes, um lugar calmo com um cheiro ótimo de café. Sentei-me na mesma mesa da última vez e agora nós trocamos os papéis, ele entrou ofegante pela porta e me olhou, eu o olhei por cima dos olhos mas logo retirei meu olhar e foquei no chão, onde a minha alma naquele momento estava, sua expressão era de alguém que ainda não estava afim de desistir.

Ele então se sentou, me olhou, levantou meu rosto e tentou pronunciar alguma coisa, mas na mesma hora eu me levantei pedi desculpas e saí. Ele ficou olhando toda minha trajetória até a porta, e quando cheguei lá virei para trás e dei um sorriso triste que mal subiu à minha face, mas já era tarde eu fui andando.

Porém eu já na chuva escutei seus passos atrás de mim, ele me parou e me disse com tanta delicadeza que não importava o que havia acontecido que de todos os jeitos ele ainda assim gostava de mim e que ele só queria uma chance de provar que conseguiria ser o melhor para mim. Eu quase chorando disse que não era culpa dele e sim minha, porque às vezes me sinto tão covarde que é difícil expressar meus sentimentos, e ele de novo com seu rosto quase grudado no meu, singelamente disse: "Então deixe-me te ensinar." No mesmo instante nos olhamos, ele olhou meus lábios e depois meus olhos novamente até que... aconteceu, de uma forma tão marcante ele me beijou, sob pingos de chuva eu senti o que era amor de verdade, foi intenso e inesquecível, meu primeiro beijo. Meu primeiro amor. Meu primeiro viver.

Depois disso minha rotina mudou completamente, começamos a vivenciar momentos juntos, fomos diversas vezes ao parque, à cafeteria, recebi poemas belos, escutei sua voz todos os dias, via-o todos os dias, sentia seu abraço que era tão aconchegante, o mesmo sorriso todos os dias, o mesmo olhar encantador, o mesmo jeito discreto e extrovertido sem contar os beijos apaixonantes. Esses foram momentos em que eu senti minha vida flutuar sobre nuvens, claro que

você deve estar pensando que esse foi apenas um romance meloso, mas foi muito mais do que isso. Porém como diz aquele ditado tudo que é bom um dia acaba, e por mais que eu pense que esse não foi o fim infelizmente foi.

Então lá estávamos nós na mesma cafeteria da primeira vez, ele estava tão belo, como sempre aquele mesmo olhar sério e provocador, um sorriso tímido de canto, o mesmo andar de passos pausados. Sem mais nada a declarar, ele estava encantador. Porém logo que chegou percebi que algo estava estranho, uma expressão preocupada e triste ocupava o seu rosto.

Seu beijo foi tão rápido que mal senti borboletas no estômago, foi então quando a temível frase veio, sem coragem para falar ele mesmo assim pronunciou: "Temos que conversar." Na mesma hora eu pensei em mil possibilidades, só podia ser, estava me traindo, mas infelizmente não era isso, a dor de uma traição iria doer bem menos do que aquilo.

Com lágrimas querendo vir ao rosto eu escutei tudo, me explicou que os pais queriam se mudar para Carolina do Sul, querido leitor, você não faz nem ideia de quão longe é, e como na época a comunicação era quase que impossível seria difícil o nosso romance. Com sua voz grave e seu rosto já no chão para não mostrar o choro ele disse lentamente que me amava e que nunca me esqueceria, eu levantei seu rosto e com as lágrimas já nas mãos disse que o nosso amor comigo sempre estaria.

Aquele era o nosso último dia, e assim foi, lembro dos mínimos detalhes. Fomos ao parque. Deitamos na grama macia. Nos olhamos frente a frente. Nos observamos por horas. Beijos lentos e profundos, abraços quentes e aconchegantes, sorrisos e olhares totalmente inesquecíveis. Nós vivemos intensamente, amamos intensamente e por fim, sem mais nada a dizer, guardei o seu perfil perfeitamente.

Entardeceu, o sol se foi, assim como ele também já ia, suas últimas palavras estão aqui, na lembrança do dia a dia, ele disse que voltaria e eu com um olhar esperançoso disse que o esperaria. E lá estava eu, olhando-o partir e pensando que um dia eu voltaria a sorrir."

Autora: Rafaela Eduarda Andrade Silva

O caso suicida

A polícia estava perplexa com o caso do jovem Maurice que nunca foi solucionado, pois a família, após perceber que nada seria resolvido, contratou um detetive particular famoso da região que gostava de enigmas particularmente.

Após a polícia passar todo o caso ao detetive, pois ela tinha parceria com o profissional, ele reviu o mistério de ponta a ponta, ficando intrigado com o suicídio de Maurice, mesmo a polícia chegando à conclusão que ele se matou com tarja pílula, o detetive percebeu que poderia ser homicídio e começou a investigar o caso.

Primeiramente ele interrogou a família, mas ela não o levou a nenhuma pista. Logo após isto, a polícia lembrou-o que Maurice tendo sido encontrado morto no museu, teve que pegar um automóvel para ir ao local e foi um táxi. O agente verificou qual o táxi pego pela vítima, e ouviu o taxista que nada aparentou de suspeito.

Agora encaixando todas as peças, o detetive relembrou todo o caso desde a morte, onde foi encontrado o corpo e o remédio que ele usou para se "matar", suas roupas úmidas revelando o dia chuvoso que se passava no momento, e o principal suspeito: o taxista, mas como ele poderia ter matado Maurice, eis o mistério. Fazendo pressão sobre o taxista, ele finalmente revela que matou a vítima, e o que mais surpreende o investigador é o modo com que ele foi morto.

"Primeiramente eu o avistei caminhando na chuva, assim ofereci a ele o táxi, entrando nele conversei com ele um pouco e logo percebi seu desânimo, então o revelei que o levaria ao museu oferecendo-lhe uma proposta ao chegar ao local, mas para fazê-lo ir contra sua vontade o

ameacei com uma arma. Após chegar ao museu revelei meu objetivo, coloquei dois frascos em cima da mesa onde um poderia matá-lo e outro não teria efeito, ele tomaria um e eu tomaria o outro, então um de nós iria morrer." Porque ele fez isto, simples, a sua mulher estava para morrer, e para salvá-la ele optou por matar pessoas, pois a máfia da cidade pagava bem por a cada morte que cometesse. E já com o caso solucionado pelo detetive, a cidade o reconheceu como o investigador do caso do suicida.

Autor: Renan Mocelin Alves de Carvalho

Caso 1923, prisão em um depósito

Dados coletados da vítima Felipe Colleens, crime cometido há 1 ano, foi achado em um riacho por um fazendeiro que estava levando suas ovelhas para pastar, machucado e sem forças, com cortes pelo corpo e com queimaduras de primeiro grau.

Eu tinha uma vida normal indo pra escola, estudando, me divertindo e sem preocupação com o futuro. Aconteceu quando estava no terceiro ano durante o ensino médio, tinha um amigo, o nome dele é Gustavo. Até um dia que eu queria gravar algo para o meu blog e ele sugeriu para que fôssemos a um depósito abandonado, já que havia histórias de que aquele lugar era assombrado por fantasmas e espíritos que morreram queimados em um incêndio que havia acontecido ali há alguns meses.

Tinha arrumado tudo e estava pronto para ir, quando, minha irmã entrou no quarto e perguntou.

Lydia: O que vocês estão fazendo?

Eu: Nós vamos fazer um vídeo no deposito perto daquela farmácia onde você quebrou o braço quando era pequena.

Lydia: Mas aquele depósito não foi queimado?

Eu: Sim. Mas é por isso que vamos lá, existem boatos que é assombrado.

Lydia: Posso ir junto?

Gustavo: Não dá, porque você pode se assustar, é um lugar que está caindo aos pedaços.

Lydia: Mas eu não tenho medo.

Gustavo: Melhor não.

Ela saiu do quarto estressada. Não entendi por que ele não queria que ela fosse, isso nunca foi um problema, mas fazer o quê?

Quando chegamos no lugar, não achei que ele havia sido queimado, parecia que estava bom até. Arrombamos a porta com um alicate e ligamos as lanternas... começamos a andar e senti algo batendo na minha cabeça, e depois disso não sei o que aconteceu, só me lembro que de acordar em uma sala vazia com pontos pretos na parede, tentei me mexer mas eu estava amarrado em uma mesa, e não conseguia me soltar. Comecei a ouvir passos e a porta abrindo, era uma pessoa com uma máscara de metalúrgica e roupa de açougueiro, ele começou a examinar o meu corpo e passou um tipo de óleo, colocou uma venda em mim e senti algo quente como se fosse fogo, quando doeu comecei a me debater e gritar, ele fez parar e tirou a venda, vi meu corpo queimado, e meus pulsos estavam roxos, deve ter sido quando comecei a me debater. Ele fez isso mais quatro vezes, na última não estava mais ardendo, fui alimentado e cuidado, ele não queria me matar, mas depois dos testes esse cara me disse.

Cara mascarado: Siga o corredor e entre na porta à direita.

Eu: Espera!

Umás cinco horas depois me levantei ainda machucado, andei pelo corredor, quando entrei pela porta, vi a imagem de meu amigo, não sabia como ele foi parar naquela sala escura. Depois que fechei a porta perguntei.

Eu: Como veio parar aqui?

Gustavo: Essa pergunta não importa. Mas o que você precisa saber é por que estamos aqui. É melhor eu falar antes que não aguente mais olhar para a sua cara.

Fiquei surpreso com o tom de ódio com que ele falava essas frases.

Eu: Co-como assim?

Gustavo: Acho que não se lembra não é mesmo. Quando éramos crianças, sempre juntos, até o dia em que fomos pegos pela diretora pichando os armários da escola, não sei como fui convencido a fazer isso. Mas, enfim, graças àquele dia tomei uma suspensão de uma única semana, o pior que que isso decidiu que eu não entrasse em uma faculdade boa, que ensinasse de verdade, ainda mais que as minhas notas começaram a cair depois disso, e ao perceber que não iria conseguir passar de ano, desisti de entrar em uma faculdade, me mudei pra cá e te conheci, de novo, vi a grande oportunidade de tirar tudo de você com um único fato de outro desafio para sua vida.

Surpreso com o que tinha acontecido com ele, e com as lágrimas de uma pessoa que tinha perdido alguma coisa por minha causa.

Eu: Desculpa, eu não sabia que isso iria acontecer com você.

Gustavo: Mas aconteceu, é fácil pra você não iria se formar, se mudaria e arranjaría algum emprego que te aceitasse.

Ele continuou me olhando com desgosto, eu sabia que havia riscos se fôssemos pegos naquele dia, ele era um bom aluno, sempre com notas altas e quase ia à escola todos os dias, e por causa disso estraguei a vida dele.

Eu: O que aquele cara estava fazendo comigo?

Gustavo: Só testes, vendi o seu corpo para ele, como não tinha ninguém para testar o produto ele aceitou, e parece que foi bem ruim não é? Bom mas agora parece que não foi tão ruim.

Eu: O que você vai fazer?

Gustavo: Nada

Ele pegou uma faca e começou a me esfaquear. Não lembro de mais nada.

Autor: Ricardo José Larsen Endlich

Jodie

Era apenas mais uma manhã de outono, lembro nitidamente que eu e minha vó, Margaret, íamos passear no parque, nós duas adorávamos ir naquele mesmo banco no centro e ficar olhando os pássaros e as folhas já secas caindo no chão, pena que dessa vez não foi como eu esperava, afinal nunca se sabe quando a morte vai chegar, nunca se sabe quem ela vai levar muito menos o porquê. Bem, sei que vocês estão se perguntando o que aconteceu, mas não se preocupem irei explicar.

Só me lembro de ter entrado no carro junto com minha vó, estávamos fazendo o mesmo trajeto de sempre, quando deu o sinal vermelho minha vó parou e não sei por que razão mas ela simplesmente começou a me olhar, aqueles olhos, aquele olhar não eram os mesmos de sempre, então ela falou que me amava, ainda escuto a voz dela falando "Toma cuidado, Jodie", essas mesmas palavras me atormentam todos os dias nesse quarto escuro, se eu tivesse dado mais atenção para o que Margaret disse, talvez eu não estaria presa agora, talvez eu pudesse ter um final feliz, ou simplesmente esse era meu destino. Quando o sinal ficou verde minha vó passou e um carro em alta velocidade bateu no nosso, isso é a única coisa de que eu me lembro.

Depois de ter ficado horas e horas em coma, eu acordei no hospital e foi aí que me deram a pior notícia da minha vida "Lamento, Margaret está morta, tentamos tudo, mas ela não reagiu", foi exatamente assim que o médico me falou. Naquele momento meu mundo caiu, eu não sabia no que pensar, e também não tinha para onde ir, sem vó, sem família, pensei na possibilidade de ficar sozinha e tentar me virar de um jeito ou de outro, mas foi nesse momento que o médico falou que tinha um homem me esperando para me levar para casa, mas que homem?

Eu não tinha ninguém, ele se identificou como sendo meu pai, Robert, eu só sei que ele e minha mãe me abandonaram, mas por pior que seja ele era meu pai e eu tinha que aceitar e desculpá-lo por esta atitude que na minha opinião é a pior de todas.

Me deram alta e eu fui andando pelo corredor escuro, frio e horrendo, não conseguia pensar em nada, só na morte, pensava que eu não precisava viver; pra quê? Todos vamos morrer, vamos perder tudo o que conquistamos em vida. Ao chegar na recepção vi um homem alto com cabelos castanhos, ele parecia ser do campo, de uma certa forma já desconfiava que ele era meu pai, porém só tive certeza quando cheguei bem perto, tão perto que conseguia sentir o cheiro de bebida, pois é, meu pai era um bêbado, minha vó já tinha alertado isso, mas nunca dei bola, afinal eu nunca quis ver, muito menos conhecer, meus pais. O homem disse que me levaria pra casa, cuidaria de mim até eu ficar totalmente recuperada, logo em seguida eu ia embora, pois ele nunca desejou ter uma filha.

No caminho eu não conseguia olhar no rosto dele e ele também não conseguia olhar no meu, parecíamos dois desconhecidos, e éramos. A viagem inteira eu fiquei olhando pra janela do carro, olhavas as árvores, os animais, as plantas e cada vez mais nós íamos nos afastando da civilização.

Quando finalmente chegamos, eu me deparei com um lago, aquele lago era tão bonito, ele simplesmente me enfeitiçou, parecia que eu tinha uma conexão com aquele lugar. Logo em frente tinha uma floresta, ela era muito escura e com árvores gigantes. Ao olhar para casa senti um arrepiou tão ruim, mas não é nada, eu só não estava preparada pra ver aquela mulher, Jesebel, que me abandonou, aquela que teve coragem de me olhar nos meus primeiros dias e falar que não queria cuidar daquele ser, que era demais pra ela. Bem, poderia ter sido pior, a casa estava totalmente mal cuidada, era velha, a cor estava desgastada, ao pisar no chão dava pra escutar as tábuas rangendo, a porta parecia que tinha sido arrombada, as janelas, quase todas estavam quebradas, lá dentro era muito pior, dava pra ver o pó, as teias, a sujeira, aquela casa não tinha sido limpa há muito tempo e lá na cozinha de costas estava ela, com seus cabelos cacheados e loiros. Ela tremia, bem coisa da idade, e ao se virar ela não falou nada simplesmente olhou para o meu rosto e com sua mão gelada ela tocou na minha bochecha e disse: "Eu pensei que esse momento nunca iria acontecer, agora nós vamos viver, Jodie." Sua voz era rouca, parecia que ela estava doente, meu pai chegou e de uma forma bem violenta colocou-a no quarto, eu logo fiquei assustada, pensei que ele poderia me machucar, mas não, Robert me mostrou onde eu iria dormir e simplesmente saiu com seus amigos, lá estava sozinha com uma mulher que aparentava estar louca.

Como não tinha nada pra eu fazer, fui dormir e foi então que tive minha primeira visão. Era Jesebel, ela estava com um homem que em todo momento ela chamava de Abaddon. Ele falava que a amava e eles se beijaram, antes de terminar eu acordei com um grito, na verdade um choro de bebê, levantei da minha cama e fui até a sala. Estava tudo escuro e eu não escutei mais nada, era tudo coisa da minha cabeça, eu só não estava acostumada, foi isso que eu pensei, então deitei e fiquei olhando para o teto por cinco segundos. Quando a cadeira começou a balançar, eu olhei e vi que a janela estava aberta, era só o vento, eu fechei e voltei pra cama, tinha uma cortina que ficava ao redor da minha cama, ela era meio transparente e amarelada, novamente a cadeira começou a balançar só que dessa vez eu via uma pessoa sentada nela. Rapidamente tirei a cortina da frente e a pessoa sumiu, nesse momento eu já estava assustada, mas não pensei que era algo ou alguém... pra mim, eu só estava cansada, então fechei os meus olhos bem forte e coloquei a coberta em cima da minha cabeça pra garantir. Na manhã seguinte meu pai me acordou pra tomar café e quando tive a oportunidade de ficar sozinha com a minha mãe perguntei sobre o Abaddon, ela simplesmente gelou e começou a dar uma risada bem alta. Então ela falou: "A Jodie, você tá mostrando pra ela."

Na hora não entendi, aquela mulher pra mim era totalmente louca, não falava coisa com coisa, mudei de assunto rapidinho e comecei a tomar meu café, foi aí que ela começou a conversar comigo, falando que teve um amante no passado, mas que eu não deveria contar para o meu pai, pois ele ficaria nervoso e ninguém queria ver ele nervoso.

Depois do café fui dar uma caminhada ao redor do lago quando eu senti uma mão me empurrando, eu caí no lago e tive mais uma visão agora com um bebê ele chorava, chorava e chorava só que nada podia fazer ele parar de chorar, eu escutava vozes falando o meu nome, era como eco que não parava, então eu senti mais uma mão só que desta vez ela me puxava para cima. Era meu pai, ele falou para eu não andar perto do lago que desta vez ele tinha conseguido

me salvar, mas que próxima eu poderia me afogar, fiquei pensando nisso a noite inteira, quem me empurrou?, o que são essas visões?, e esse bebê?, mal se passou um dia nessa casa e eu já estava ficando louca, ouvindo e vendo coisas. A noite caiu e lá fui eu dormi naquele quarto horrível, durante a noite toda a torneira da pia que ficava dentro do quarto ficou pingando, e eu tinha medo de levantar para fechá-la não sei por que, mas eu tinha medo daquela pessoa aparecer.

De manhã eu acordei com uma dor de cabeça, Robert então aproveitou para dar uma passada na cidade para comprar remédio e com certeza ele ia demorar, pois ia ficar bebendo com os amigos. Jesebel começou a me contar que não queria ter me abandonado, ela não tinha escolha e eu como uma boa filha disse que a perdoava e que ela não precisava se preocupar com isso que eu já tinha superado, mas na verdade eu nunca vou superar, ela acabou com a minha vida e isso não tem perdão. Ela preparou o jantar e depois fui pro meu quarto, afinal não tinha mais nada pra fazer. Na madrugada eu escutei copos quebrando e meu pai gritando, ele estava bêbado e o pior ele estava batendo na minha mãe, mas eu não tinha coragem de ir ajudar, ela veio correndo para o meu quarto e se trancou junto comigo, eu olhei pra ela assustada e ela disse que já estava acostumada, então ela começou a rezar em outra língua e dançava e fazia uns gestos estranhos e novamente mais uma visão a mais confusa e o bebê estava morto e do lado estava Abaddon também morto e ao redor pessoas dançavam e cantavam quando de repente uma menina aparece na minha frente. Ela era pálida, com cabelos longos e escuros, estava cheia de terra, seu rosto era pálido como a de um morto, ela chegou bem perto e falou no meu ouvido: "Eu vou pegar o meu lugar de volta." Nesse momento eu acordo e olho pra minha mãe e a vejo sorrindo, falando que está na hora, eu sem reação fico parada até que a cadeira começa a balançar e eu vejo aquela pessoa lá sentada, simplesmente saí correndo, mas depois eu pensei que aquele bebê moreno podia ser aquela pessoa e que ela poderia estar em apuros sem pensar duas vezes eu entrei na casa.

Naquele momento com a casa escura comecei a escutar um choro ardido de bebê, ele entrava pelo meu ouvido e parecia que me quebrava por dentro, quando de repente me vi dentro do quarto de minha mãe, aquele bebê chorava e chorava enquanto meu pai o segurava no colo com tanto desprezo, ele pegou a arma de seu bolso e sem nenhuma compaixão deu um tiro na cabeça dela, minha mãe começou a gritar "Jodie, Jodie, Jodie", mas como aquela criança poderia se chamar Jodie, esse é meu nome. Robert foi para a floresta. Eu estava ali do lado vendo tudo sem poder fazer nada, olho para a direita um homem cheio de sangue me falava "Seu fim está próximo." Eu fiquei com tanto medo que não conseguia correr, meu pai termina de enterrar o bebê, então eu volto para o mesmo lugar, a sala. Lá está minha mãe com roupas estranhas, começo a escutar meu nome várias vezes e é aí que eu me toco eu nunca fui filha deles, Jesebel amava outro homem Abaddon, eu já tinha visto os dois em uma de minhas visões, mas eu não tinha percebido ela engravidou, Robert se sentindo traído se vingou matando ele e a criança, mas o que eu faço? Eu nem tive tempo de reagir. Jesebel me amarra eu fico muito pálida sem saber o que fazer e pergunto o que ela quer, os quadros começam a tremer escuto barulhos de copos quebrando, as portas batem três vezes bem forte como se elas estivessem ofendendo o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

A cadeira em que eu estava começa a andar, eu vejo muitas pessoas, mas elas não parecem reais, elas dançam e cantam como se fosse um ritual, na floresta Robert parecia que estava sendo controlado, ele desenterra o caixão e joga os ossos na lagoa eu choro, rezo, grito por socorro, mas ninguém me escuta. É como se eu estivesse louca, aquilo não poderia estar acontecendo, como isso é real? Por que eles estão fazendo isso? Quando eu fecho meus olhos escuto um tiro, sinto o sangue respigando em meu rosto, o corpo caindo no chão e uma risada dentro da minha cabeça, vejo Robert estendido no chão com uma bala na cabeça terminando do mesmo jeito que aquele bebê que ele matou, Jesebel pinta com sangue um símbolo em meu rosto e me joga amarrada na água. Lá embaixo eu tento me desamarrar, porém não consigo, as cordas parecem que se apertam a cada momento, algo se aproxima de mim, é aquela menina com cabelos longos ela olha em meu rosto e eu sinto como se a morte estivesse do meu lado. A menina beija minha testa e simplesmente não vejo mais nada, fico na escuridão, como dentro de um caixão. Quando me deparo estou dentro dentro da casa, mais especificamente no quarto, eu tento sair, porém não consigo, então minha mãe entra no quarto junto com uma pessoa que está com o meu corpo, que está com a minha vida, desde então estou trancada dentro do quarto,

vendo que o espírito conseguiu aquilo que ele queria e eu fico pensando no dia que eu vou ter paz de novo.

Autora: Sthefany Akiersztajn Kicotte

O capuz preto

Uma cidade pacata do interior dos Estados Unidos que escondia seus mistérios e segredos era conhecida com The Capital of Death (A Capital da Morte). Naquele local sempre houve histórias e lendas de assassinos e psicopatas que assombravam a cidade, mais conhecida era A Gangue dos Palhaços, esse grupo era composto por jovens "rejeitados" pela comunidade da qual faziam parte, tinham outras coisas comum como: seguiam as mesmas crenças, eles assassinavam as pessoas na calada da noite para fazer seus rituais pagãos, além de deixarem uma marca pagã no pescoço das vítimas.

Mas agora havia um novo mistério, pessoas estavam sendo raptadas na madrugada e seus corpos sempre eram encontrados no meio da floresta e cheiros de terra, a polícia local começou as investigações, já fazia seis meses e nada, nenhuma pista nem suspeitos. O chefe da investigação, o delegado Carter Coller, estava muito angustiado com tudo o que estava acontecendo, eram os assassinatos, a morte de sua esposa e sua carreira que estava sendo destruída por aquele caso que não se resolvia. Ele e sua equipe viam crianças e jovens morrendo sem poder fazer nada para ajudar, e a tristeza ganhava força a cada dia na vida daquelas pessoas.

Emma Feller, que fazia parte da equipe de Coller, começou a contar alguns fatos sobre o caso para seu filho Noah, que estava muito interessado pela história, quando ela se afastou o garoto viu alguns registros em fotos do último caso e começou a perceber que todos as mortes tinham uma ligação, uma sequência lógica, mas não relatou nada para sua mãe. Junto com seu amigo Stiles Coller, filho do delegado, começaram suas investigações por fora, a principal suspeita era o Senhor Ripper, afinal ele sempre saía de madrugada de carro em direção à floresta, mas ninguém sabia o porquê, e o velho de nome assustador sempre deixava a cidade exatamente às 03:03 da madrugada.

Os dois garotos muito curiosos começaram a ir com mais frequência à delegacia para descobrir novas informações sobre o misterioso assassino. Feller não gostava da médica legista, a doutora Mary Cotton Smith. Achava que ela era suspeita, por ser muito reservada e por conta de sua horrível história, que quando nova perdeu seus pais e seu irmão em um acidente de carro e foi para o orfanato, onde sofrera agressão física e maus tratos, além de ser diagnosticada com grandes possibilidades desenvolver psicopatia. No mesmo dia Noah resolveu seguir o senhor Ripper, acabou que o carro de sua mãe estava com o motor desativado por segurança, ficou furioso, mas viu algo suspeito: era um homem de capuz e roupa toda preta carregando caixas que pareciam ser pesadas e conter algum tipo de líquido. Ele se aproximou do carro, abriu uma das caixas e percebeu que eram órgãos humanos. Mas foi pego de surpresa e acabou sendo sedado pelo capuz preto. Acordou no dia seguinte em uma madeireira desativada, estava amarrado em uma cadeira de frente para um porco morto e segurando o coração do animal.

Passaram-se três dias e nada do garoto, a polícia começou a procurar por ele, Emma já estava desesperada e sabia que seu filho poderia ser a próxima vítima do capuz preto. O velho em uma de suas saídas e viu algo suspeito no meio da floresta e informou a polícia. Já estava tudo planejado, o capuz preto enviou o vídeo para a polícia do garoto que eles tinham duas horas para achá-lo, senão ele morria. O garoto estava dentro de uma caixa, quando acordou novamente descobriu que tinha sido enterrado vivo e se desesperou. A polícia foi até o local que o senhor

lhes informou e encontraram a madeira, o garoto começou a bater na caixa e os policiais o encontraram. Ele estava enterrado debaixo do porco morto, mas foi uma armadilha para que o capuz preto pegasse a Emma e também deixou recadinho para eles, que dizia "corra para trás para não perder sua mãe", o garoto correu para trás do galpão e tropeçou numa corda, que ligou uma serra e ele viu a médica Mary Cotton, sua mãe, sendo cortada ao meio. O capuz preto era a senhora Smith, ela conseguiu fugir dali e seu carro foi encontrado depois, mas ela já não estava mais lá e o garoto jurou vingança, e agora ele se tornava órfão.

Autora: Thais Maria dos Santos Eckhardt